

# Coletânea de Crônicas

2015



BEBEDOURO

Tânia Du Bois | ORGANIZADORA



Projeto  
Passo Fundo  
Apoio à cultura

As coletâneas confeccionadas pelo Projeto Passo Fundo, agora em sua terceira edição, cada vez mais se apresentam maduras e bem produzidas na forma e no conteúdo literário.

Esta particularmente, de crônicas, pinço como referência. A seleção e a nota da organizadora, Tânia Du Bois, criteriosas e bem pensadas, apresentam crônicas “puras”, considerando a essência do gênero. Nas selecionadas, dentro dessa premissa, não falta ficção, fantasia e criticismo em autores que namoram com o cotidiano, imprimindo aos textos suas visões de mundo e seus estilos peculiares, em diálogo com o leitor. Quanto aos cronistas, o prefaciador, escritor Agostinho Both, por meio de linguagem saborosa – oferecenos pequena pista de como cada um deles talentosamente, com textos redondos e na medida certa, estabelecem essa conversa conosco.

São textos que, esparsos, já se destacavam e que tiveram aqui reunidos suas qualidades potencializadas. Vamos conferir?  
Amigos, à leitura!

Miguel Guggiana  
Escritor

# COLETÂNEA DE CRÔNICAS





Tânia Du Bois

ORGANIZADORA

**COLETÂNEA DE CRÔNICAS**

2015

Passo Fundo  
Projeto Passo Fundo  
2015

Projeto Passo Fundo

Página na internet: [www.projetopassofundo.com.br](http://www.projetopassofundo.com.br)

e-mail para contato: [projetopassofundo@gmail.com](mailto:projetopassofundo@gmail.com)

Disponível no formato eletrônico /E-book.

Todos os direitos reservados ao Autor.

O conteúdo deste sitio NÃO pode ser reproduzido, copiado, gravado, transcrito ou transmitido por meios mecânicos, fotográficos ou eletrônicos, sem a citação de autoria, nos termos da licença

[Creative Commons Atribuição-CompartilhaIgual 3,0 Nao Adaptada](https://creativecommons.org/licenses/by-sa/3.0/deed.pt_BR).

Para ver uma cópia desta licença, visite:

[creativecommons.org/licenses/by-sa/3.0/deed.pt\\_BR](https://creativecommons.org/licenses/by-sa/3.0/deed.pt_BR) ou envie uma carta para: Creative Commons, 444 - Castro Street, Suite 900 - Mountain View - Califórnia, 94041, USA.

Capa: Arte no muro dos alunos da Faculdade de Artes e Comunicação da UPF.

Organização e Revisão: Tânia Du Bois

---

C694 Coletânea de crônicas [recurso eletrônico] / Tânia Du Bois (org.). – Passo Fundo : Projeto Passo Fundo, 2015.

1,70 Kb ; PDF.

ISBN 978-85-8326-143-8

Modo de acesso: World Wide Web: <<http://www.projetopassofundo.com.br>>.

1. Literatura brasileira. 2. Crônicas brasileiras. I. Du Bois, Tânia, coord. II. Título.

CDU: 869.0(81)-94

---

Bibliotecária responsável Schirlei T. da Silva Vaz - CRB 10/1364

# NOTA DA ORGANIZADORA: PALAVRAS ILUMINADAS

Recordar ou viver? Eis a questão! Recordar é viver. Algumas vezes recordamos e não vivemos? Ou nos damos conta de que o mecanismo da escrita e leitura é luz para recordar e viver.

Quando desejamos viver, lemos as palavras dos escritores que irradiam luzes nas horas sombrias, porque constroem o presente sob os reflexos dos reflexos à procura de uma fresta para iluminar, em multiplicidade, o real como justaposição dos tempos.

Ao organizar esta coletânea, com autores de diferentes estilos, tenho por objetivo mostrar suas palavras, no propósito de iluminar o cotidiano. Pois, tal iluminação pode bem vir da luz interna e incerta em cada autor: recordar é viver? Viver é sonhar? Viver é acreditar nas palavras? Eles fazem com que a luz da razão, de alguma maneira, se encontre com a imaginação e, assim, possamos perceber as palavras iluminadas como arte e sedução, como possibilidade de mudança no dia a dia.

A obra está dividida em três partes: em **Recordar é Viver** são revelados os segredos das palavras ao resgatar os sentimentos dos autores em saudades. **Viver é Acreditar nas Palavras**, conta em horas os fragmentos da vida em nuances dos autores. E, **Viver é Sonhar** são crônicas que



marcam o tempo da infância. Assim, o recordar e o viver passam a participar de nossas vidas como conjunto das artes.

A coletânea apresenta a força da palavra como luz que flui o mistério ao descrever as cenas de vida. Instiga e acende a chama do pensamento, mostrando a luz resplandecente no espaço entre o pensar e o agir de quem escreve com vigor. Esse reconhecimento passa pelas palavras iluminadas, como constatação de influência decisiva na força adaptada à vida: confronto do autor que se depara com os sentimentos no descrever as luzes da prosperidade e da escuridão, onde cada fio de esperança é lançado e buscado por nós leitores.

**Tânia Du Bois**





# COLETÂNEA DE CRÔNICAS

**“Pelo tempo e pela vida, ficam as palavras gravadas do momento, no dia em que o homem acreditou e viveu.”**

*(Tânia Du Bois)*





# SUMÁRIO

## **RECORDAR É VIVER 15**

GABRIEL BASTOS **17**

CELSO FIORI **19**

JAIRO ANTÔNIO CASSALI **24**

ELBENICE VARGAS **29**

## **VIVER É ACREDITAR NAS PALAVRAS 31**

MARLENE KREMMER **33**

ZENIR MESQUITA **37**

PAULO MONTEIRO **39**

OSVANDRÉ LECH **41**

SUELI GEHLEN FROSI **43**

MARISTELA FARINHA **46**

MOACIR LUIS ARALDI **48**

DANIELE DE FREITAS DOS SANTOS **50**

THAGI **52**

CARLOS JOB **54**

MARILISE BROCKSTEDT LECH **56**

MARCO AURÉLIO BARBIERO **60**



ROGÉRIO ALVES PEREIRA **62**  
DINAIR FERNANDES PIRES **64**  
PROFESSOR GABRIEL **66**  
JÚLIO PEREZ **68**  
GETÚLIO VARGAS ZAUZA **71**  
GILBERTO R. CUNHA **73**  
HELENA ROTTA DE CAMARGO **76**  
LEONILDE DAMIAN **78**  
HUGO ROBERTO KURTZ LISBOA **80**  
ALICE SILVA TOCCHETTO **83**  
MARCO ANTONIO DAMIAN **87**  
LEON NUNES **92**

**SONHAR É VIVER 97**

RANI **99**  
JOÃO ANTONIO LEIRIA **101**  
ODALBERTO DOMINGOS CASONATTO **103**  
GETÚLIO VARGAS ZAUZA **107**



# PREFÁCIO

*Agostinho Both<sup>1</sup>*

Meninos e meninas, eu li!

Vi o Gabriel, junto aos seus cinquenta e um, olhando seu rosto diferente e seus espíritos santos.

Olho, agora, admirado, gente vindo de todos os lados, narrando crônicas, narrativas semelhantes, outros textos de vários jeitos: vivências e lições. Fiori revendo um conjunto de retratos dos anos vinte e trinta, Passo Fundo em revista. Casalli negocia um par de botas por uma escola: vejam se pode. Pode! Elbenice diz com Paz: o indivíduo não se confunde com rótulos, nem com ideologias. Marlene discursa alto: Para além da banalidade da vida e do amor! E vem Zenir carregando, alegre, seus oitenta. Fala diante do espelho. E o que dizer do Paulo que se fixa curiosamente entre uma morena e uma velha senhora. Paulo! Paulo! Osvandré aprofunda Hipócrates: antes dos remédios vêm as palavras.

---

<sup>1</sup> Agostinho é autor de diversos livros, além de ter participado de um grande número de artigos em revistas e em capítulos de livros, estes todos de natureza acadêmica. Após a aposentadoria tem o prazer de apresentar romances através dos quais expressa suas opiniões pessoais sobre temas relevantes de nossa cultura. Possui um estilo literário livre de preceitos acadêmicos. Sua bagagem de professor e administrador universitário faz com que penetre com estilo leve e crítico as questões do cotidiano de nossa cultura. Acima de tudo busca uma forma pessoal, advogando a estética em primeiro lugar.



A estas alturas do desfile me aparece Sueli. Quer cantar! Por favor, gente, deixem Sueli cantar. A seguir vem Maristela falando de sua maternidade e o quanto vale o riso ou gargalhada de um filho. Vem, a seguir, o Moacir. A luxúria o abençoou. Nossa! Isso é que é sonhar, rapaz! Sonhou mais que Don Juan sonhara. A seguir, quase do jeito de Moacir, bem mais reservada, deslocando intenções, vem a Daniele, a propalar em alto e bom som: o texto, pra ser lido, deve ferver. Thagi, vem de cara de poucos amigos. Xinga o poder público por ser mesquinho e tão faminto, enquanto sofre quem o sustenta. Assim prefere comprar livros a se servir de livros públicos. Está cheio de razão. Sente-se mais rato que homem.

Lá vem Carlos falando de desamor. Faz um pequeno tratado íntimo do amor/ódio/saudade/desamor. Marilise a partir de sua experiência de carros parte para uma análise íntima do carro e do motorista. Veja esta pérola ao citar um site: O garotão, que vai para a balada de Scénic, está na cara que pegou o carro da mãe.

Continuem olhando(lendo). Vem vindo Marco Aurélio mostrando a diferença em ajudar e desajudar. Ouçam o homem: uma beleza cotidiana. Rogério é o que é quando faz o elogio do simples e ri de quem sofistica. A Dinair se extasia como Teresa D'Ávila diante de Jesus, ela, diante das árvores, se dissolve no mato e fortalece seus pés na profundidade das raízes.

E o que dizer do professor Gabriel? A partir de um velório chega a uma contundente análise dos dias seguintes, quando já é tarde. Júlio é provocativo: aproveite o dia e não entre em rotina. Aí, então, que se perde o principal: a vida passa veloz e sem graça.

Getúlio mostra como estudar. Gilberto comove



quando propõe, na visão de Crema, uma nova ética para a convivência humana. Helena vem assustada entre assombros de nosso tempo. Uma tempestade de palavras e sentimentos entre o passado e o presente. Poderosa! Leonilde não tem lembranças boas da família biológica, encontra, porém, uma família polonesa na qual aprende uma nova língua e a linguagem do afeto. Magníficos dias! Hugo foge das ternuras familiares, nos leva para as zonas de Passo Fundo. Não se animem, elas já não existem mais com a vitalidade anunciada. Alice lembra uma velha que amava. A velha ainda está viva dentro dela, muito viva! Aí vem, então, Marco Antônio trazendo Wilson, o gênio indomável de tantos clubes, da bola, das bebedeiras e de mulheres. Leon apresenta o [projetopassofundo.com.br](http://projetopassofundo.com.br). Por favor, leiam. A originalidade campeia em todo o texto. Raniel desdobra seus pavores escolares. Revela espertezas pra tirar vantagem. Mostra o imaginário infantil de um menino esperto. João lembra o velho João Mochila. *Ele não era daqui, também não era dali, aquele velhinho era da estrada*. Odalberto traz para dentro deste livro quatro máquinas Singer. Quem não ouvir o som RSRORS da máquina de costura que vá a um otorrino.

Por fim, Getúlio, mais uma vez, retoma os caminhos do estudo. Agora é pra valer.







# RECORDAR é VIVER

**“Entre as palavras que proferimos e as que gravamos no papel,  
escoa um veio denso de informações, que lavam, amoldam,  
ornamentam, calcificam.”**

*(Helena Rotta de Camargo)*





# O MEU ANIVERSÁRIO

*Gabriel Bastos - 1910<sup>2</sup>*

Estou no 51º aniversário!

Quisera entrar no seguido meio século de minha vida, junto da cara esposa, junto dos queridos filhos!

Entretanto, estou completamente só! Nem o zumbido de um inseto, nem o ruído de passos, nem uma voz humana ouço. Sentado junto a uma tosca mesa de escritório colonial, revolvo papéis e medito.

Lá fora, porém, a chuva torrencial alaga o terreno e o som de sua queda, unísono, invariável, constante, sucessivo, sem modulações, está como uma toada fúnebre, a dizer-me que o marco de minha existência já se divisa não muito longe, denunciado por sinais que pronunciam a queda do carpo na voragem escura do nada: Cans a surgirem por entre os cabelos outrora negros; rugas a encrespem-me a pele outrora lisa, e a indiferença pelo ruído das festas, e o apego ao conchego do lar; e o gosto pela concentração.

---

2 Comerciante, político e escritor. Santa Maria, 09/01/1859/, Passo Fundo, 25/07/1950. Transferiu-se para Passo Fundo em 1885. Retornou a Passo Fundo em 1902, quando prosseguiu com suas atividades comerciais no ramo da indústria madeireira. Foi presidente do Conselho Escolar Municipal em 1903 e entre 1908-1912 e 1920-1924 foi vice-intendente. Membro do Clube Pinheiro Machado, hoje Academia Passo-fundense de Letras. Residia na esquina da avenida Brasil com a rua Quinze de Novembro, frentes Sul e Oeste.



Compensando, porém, esta aridez terrena, eu sinto como que um agitar de asas, tênue, sutil, aéreo, divino! São talvez, espíritos amigos, dos que já foram, que guardam a minha solidão!

São, talvez, essas almas boas cujo mundo é a imensidade que saturam o ar que respiro, com a essência colhida na limpidez do Espaço, para que a aura do Bem se amplie ao redor de mim e inspire meus atos para o Bem, só para o Bem!

Salve! Entidades invisíveis... Salve!  
Demonstrações da existência de um Deus criados de todas as coisas, e mantenha, sempre, junto a mim o vosso santo fluído.



# CINEMAs, JUSTIÇA EM VERSOS

*Celso da Cunha Fiori – 1952<sup>3</sup>*

(Programa levado ao ar na Rádio Passo Fundo, no programa “Recordar é Viver”.)

## I

Recordar o passado é uma espécie de ressurreição. É como que reconstituir uma parte da vida perdida. É aproveitar as emoções que passaram por demais ágeis, fugazes, fugidias pela nossa vida. Vamos, com estes velhos seresteiros, recordar coisas e fatos do passado.

Mas não quero vislumbrar lágrimas nos olhos de ninguém. Quero que as recordações despertem emoções agradáveis e felizes, porque recordar deve ser a mesma coisa que debruçar-se sobre uma ampla janela, voltada para horizontes de infinita beleza.

---

<sup>3</sup> Era advogado e professor de Direito Comercial, sendo um dos mais destacados fundadores da Universidade de Passo Fundo. Fundou a Academia Passo-fundense de Letras, da qual foi o primeiro presidente, tendo exercido este cargo por diversas vezes. Fundou diversas indústrias e empresas, construindo o primeiro edifício de apartamentos da cidade, tendo fundado a organização que construiu o Turis Hotel e o Cine Pampa. Em 6 de novembro de 1974, recebeu a medalha e comenda “Oswaldo Vergara” que lhe concedeu a Ordem dos Advogados do Brasil, em reconhecimento pelos serviços prestados à Ordem, da qual foi, muitas vezes, presidente, e por sua dedicação à classe dos advogados. A Câmara Municipal de Vereadores de Passo Fundo, por unanimidade de votos, em dezembro de 1973, concedeu-lhe o título de “Cidadão Passo-fundense”.



Sim. Deve ser assim e ninguém tem interesse em rememorar coisas lúgubres do passado, da mesma forma que ninguém se debruçará à janela para ver a paisagem em noite de temporal.

E quero advertir também que este programa, que a inteligência e o fino espírito de José Lamaison Porto criou, não é só para velhos. Ele interessa também à mocidade, às novas gerações, sempre curiosas por saber como eram as coisas nos outros tempos, como era nossa cidade, como vivia a nossa gente, como se passavam os fatos e os fenômenos sociais.

Naquele tempo, há 25 anos passados...

Um momento, antes vamos ouvir a valsa, "*Maria Helena*".

## II

Como eu ia dizendo, naquele tempo, há 25 anos passados, tudo era muito diferente de hoje.

O cinema, então mudo, funcionava apenas duas vezes por semana. Durante a filmagem ouvia-se uma orquestra, a qual em 1928 foi substituída por uma eletrola ortofônica, quando a empresa do velho *Coliseu* deixou de pertencer à firma De César & Pretto, composta pelos sócios *João de César e Ângelo Pretto* e passou à propriedade do Dr. *Ney de Lima Costa*.

O velho Coliseu estava situado no mesmo lugar onde existe hoje o magnífico cinema com o mesmo nome. O antigo cinema tinha duas filas de frisas e duas filas mais acima de camarotes, locais estes muito disputados pelas



famílias passo-fundenses. As jovens casadoiras procuravam as frisas, enquanto que os moços pretendentes ficavam na platéia.

O filme era mostrado em partes, acendendo a luz cada vez que terminava uma parte. E no meio da história havia um intervalo, durante o qual os homens se levantavam e saíam para o bar onde iam fumar, porque naquele tempo não se permitia fumar na presença de senhoras. Lembro-me que quando foi suprimido o intervalo houve protestos dos freqüentadores.

Depois o Cine-Teatro Coliseu foi remodelado. Veio o cinema sonoro, e, por fim, destruído por um incêndio, foi reconstruído tal como o temos hoje.

Quando passavam aqueles tempestuosos filmes de *Rodolfo Valentino*, a orquestrinha tocava às vezes a valsa “*Elvira*”

### III

Não senhor. Não tive a intenção de fazer propaganda para o Coliseu, tanto que vou contar a história do Cine *Imperial*.

O Imperial foi primeiramente instalado na esquina da rua Bento Gonçalves, onde foi construído, após um incêndio, o grande edifício da firma Ughini, Bertoldo e Cia. Seus proprietários, *Eduardo Valandro* e *Tranqüilo Casteli*, adaptaram para aquele fim um prédio antigo.

Com o sinistro, que reduziu a cinzas o primeiro Imperial, *Eduardo Valandro* construiu o edifício atual do mencionado cinema, na Praça Marechal Floriano, que foi o



primeiro prédio de 3 andares da cidade. Remodelado pelo Sr. *Carlos Rotta* e outros eis ali atualmente o magnífico cinema de cadeiras estofadas, que constitui também um orgulho para nossa cidade.

E agora, permitam-me um pequeno anúncio:

Srs. Madeireiros: um excelente pinhal à venda, situado a 30 quilômetros da Estrada de Ferro. Pinhal alto, denso, de duas e três toras. Sessenta colônias a venda, de puro pinhal em Água Santa, neste município. Preço: 3.000,000 a colônia. Fazem-se condições de negócio para facilitar o pagamento. Tratar com Maximiliano de Almeida, à Avenida Brasil. Que pena. Este é um anúncio do jornal "O Nacional" em sua edição de 17 de Agosto de 1927. E você, caro ouvinte, não aproveitou a ocasião. Achava que era caro. Para amenizar o desgosto de não ter sabido aproveitar a oportunidade de negócio, *Wordel e seus músicos* vão tocar o choro "*Festa na Roça*"

#### IV

O espaço de que dispomos é pequeno, senhores ouvintes, para tantas e tão grandes recordações que o foro desta cidade nos proporciona.

Juízes, promotores e advogados que aqui passaram, gostaria de recordá-los: *Walter Jobim* foi nosso promotor aqui. *João Bigóis* também. *Antônio Augusto Uflacker* foi aqui juiz municipal. Advogados combatíveis ilustres tivemos-los aos montões.

Houve um tempo em que estava em moda os versos nos processos. Lacerda de Almeida escreveu um poema contra Ney de Lima Costa, dando ao livro o título de "*Q Puchirão do Zé Picasso*".





*José Dario de Vasconcelos, numa contestação, assim se referiu a um advogado local:*

*"Rábula vil de espírito obscuro, / Pequeninho, um calabrez inculto, / Na inteligência, assim como no vulto, / Como no corpo, no moral pequeno!"*

Pouco mais tarde, um moço recém-formado, em 1930, Odalgiro Correia, fazia uma defesa no júri, inteiramente em versos. Não é, portanto de admirar, que eu também me influenciasse e certa vez dirigisse ao juiz municipal Dr. *Antônio Augusto Uflacker* a seguinte petição:

*"Dr. Juiz, do cargo proprietário, / Requeiro a vós daqui deste escritório, / Seja revisto todo o papelório / Que há tempos requeri num inventário./ Não devia fazer tal falatório, / Que a pedidos sou muito refratário, / Mas já dei de desculpas um rosário, / Ao cliente que implica com o cartório./ Este "modus pretendi" não é inédito, / Mas o credor que pensa no seu crédito / Há de ficar por certo satisfeito. / Dinis Manfredi espera todo atento / Que ao seu pedido se dê deferimento / Por ser um ato justo e de direito!"*

O diabo é que o juiz não gostou dos versos e deu o seguinte despacho:

*"Para acabar com a poesia de uma vez,/ Meta-se o suplicante no xadrez!"*

E como último número de suas apresentações de hoje os nosso velhos amigos dos antigos instrumentos e músicas de outrora vão executar a "*Valsa Olga*", oferecida a *Nely Petry*, residente em Panambi, pelo seu aniversário.



# NEGÓCIO DA CHINA: UM PAR DE BOTAS, POR UMA ESCOLA

*Jairo Antônio Casalli- 1958*<sup>4</sup>

Estávamos em pleno inverno de 1958. Era uma daquelas manhãs de impiedosa nebulosidade. A vila de Ronda Alta amanhecera sob o impacto de uma emoção diferente. O frio e a chuva contrastavam com o calor febril, que a política interiorana sempre inspira. O nevisco fino e gelado deixava as ruas da vila lamacentas e intransitáveis.

Vivíamos, na ocasião, mais uma campanha política. O Rio Grande do Sul escolhia nas umas o seu novo Governador. Um dos candidatos, filho da região, cruzava o vilarejo em busca de apoio eleitoral. Era o jovem Engenheiro Leonel de Moura Brizola, o homem das Palestras apimentadas das sextas-feiras, pela Rádio Farroupilha, o Prefeito da cidade de Porto Alegre, o destemido e ilustre orador, que conquistava aos pouco os cidadãos gaúchos. Sua campanha ia a mil e

---

<sup>4</sup> É formado em Odontologia, pela Universidade Federal de Pelotas, e em Ciências Biológicas, pela UFRGS. É natural de Ronda Alta, onde exerceu as funções de odontólogo e professor. Sendo um dos vencedores do Concurso “Poemas nos Ônibus, COLEURB” – 2003, e aproveitando o embalo do bom momento literário, lançou-se como escritor em 2004, com seu primeiro Livro: O PUNHAL DE DEUS (Peça Teatral de cunho religioso). Em 2005, lançou para todo o Brasil: MEMÓRIAS DE BRIZOLA - O GUERREIRO DO POVO BRASILEIRO. Em 2009, foi a vez da Ecologia, com o Livro: PASSO FUNDO, O RIO QUE VIROU LAGO. Em 2011, o autor foi um dos vencedores do Concurso Guemanisse de Crônicas, do Rio de Janeiro, e fez parceria no Livro “ENREDOS E DESENREDOS.” Agora, colabora com o Projeto Passo Fundo.



Ronda Alta era um dos mais fortes redutos trabalhistas

Começando por Sarandi, seguindo por Ronda Alta e dirigindo-se até Nonoai, na embocadura do Goio-En, formar-se-ia com o passar dos anos o que os especialistas em política chamam de Corredor do Trabalhismo. Organizou-se, nesta região um dos maiores contingentes de brizolistas do Estado do Rio Grande do Sul.

Por esta época. Ronda Alta se delineava como um vilarejo bem estruturado, todo modesto, porém receptivo e muito hospitaleiro. Fora aí que se estabelecera João Batista Casalli, meu pai, com sapataria e selaria, logo após seu casamento. Aí se tornou, com o passar do tempo, um empresário respeitado, muito solicitado nos assuntos comunitários, um defensor do PTB e um brizolista ardoroso.

Não era de se admirar que, naquela manhã cinzenta de agosto de 1958, um dos primeiros cidadãos a ser visitado pela caravana dos candidatos do PTB composta por Leonel de Moura Brizola candidato ao Governo do Estado, Guido Mondin, candidato ao Senado e outros assessores, fosse o empresário e brizolista João Batista Casalli. Acompanhado pelos líderes políticos rondaltenses, Mose Míssio, Hugo Leonardi e Herculino Baldissarella, para lá se dirigiu Brizola.

Depois dos cumprimentos informais e de longa prosa, regada de um bem sovado chimarrão, diante do estado lamacento das ruas do vilarejo e percebendo que seu desempenho estaria sendo prejudicado pela difícil locomoção, o Dr. Leonel Brizola perguntou ao grupo, onde poderia adquirir um par de botas, ao que Mose Míssio, pioneiro de Ronda Alta, de cara respondeu:

- Dr. Brizola, o senhor está na casa do maior e mais famoso fabricante de botas da região, o companheiro João



Batista Casalli.

Surpresos com a boa notícia, Brizola, Mondin e mais seu assessor, conduzidos pelo grupo adentraram a Loja de Calçados, bem sortida, de João B. Casalli e escolheram, dentro do mais tradicional estilo gaúcho, um par de botas para cada um. Calçaram, experimentaram uma e outra, brincaram entre si e se aprontaram para a maratona do dia. Então, com as botas calçadas e descontraído Brizola interpelou:

- Seu João, com estas botas e ao estilo gaúcho, é que eu vou subir a rampa do Palácio Piratini. Agora só resta saber o quanto lhe devemos!?!...

Dr. Brizola já punha a mão no bolso, quando ouviu a interpelação daquele sapateiro humilde de Ronda Alta, mas cheio de sabedoria forjada nas escolas da vida:

- Dr. Brizola estas botas não lhe custam dinheiro algum, só lhe peço que atenda ao pedido que lhe faço agora: Já que o Sr. tem como prioridade no seu futuro Governo a Educação, assim que o Sr. chegar ao Palácio Piratini, o que já temos certeza disso, lembre-se de Ronda Alta e mande uma Escola nova para esta Vila.

Brizola emocionou-se e apertando a mão rude do sapateiro rondaltense, respondeu:

- Negócio realizado, seu João!... Ronda Alta vai ter a sua Escola nova logo que assumir meu governo! Um abraço caloroso e uma foto com Brizola e Mondin selou o compromisso.

Brizola ganhou as eleições. Apenas seis meses se passaram, agora num clima primaveril, Dr. Leonel Brizola já Governador do Estado do Rio Grande do Sul, não se



esqueceu de Ronda Alta, muito menos do pedido de João Batista Casalli. A promessa foi cumprida e a solicitada Escola logo construída, tende sido esta vila uma das primeiras no Estado do Rio Grande do Sul a receber as famosas Escolas pintadas de verde e amarelo, construídas de tábuas de madeira em horizontal e que ficaram sendo conhecidas como as clássicas Brizoletas.

Consta que no Rio Grande do Sul foram construídas mais de 6300 Brizoletas. Ronda Alta guarda ainda incólume, anexa à Escola que leva o nome de Herculino Baldissarella, a sua Brizoleta, que às vésperas de completar 50 anos, configura como símbolo de uma época áurea da Educação no Rio Grande do Sul.

A fotografia, de meu pai com Brizola e Mondin, estes exibindo um bellissimo par de botas, estilo Soledade, foi colocada com destaque num quadro da parede na sala de estar da casa. Era esta foto para meu pai uma verdadeira relíquia, que ele exhibia com incontido orgulho a todos os amigos e clientes que adentravam em sua loja. O final da história da foto, no entanto, tornar-se-ia tétrico e melancólico.

Denunciado por adversários políticos, logo que eclodiu o golpe de 64, como sendo brizolista e de que tinha uma foto com Brizola, teve meu pai a casa invadida por quatro policiais, entre os quais um Coronel da guarnição de Erechim, que vasculharam a casa à procura da foto com o Brizola.

Depois de duas horas de invasão domiciliar e agindo com truculência e intimidação os quatro brigadianos, exigindo que lhes fosse entregue a foto com Brizola, tendo procurado documentos e objetos em todos os recintos, e nada encontrando, decretaram voz de prisão e fizeram



menção de levar preso meu pai. Aos gritos de minha mãe e dos filhos, furiosos foram embora levando apenas as armas de caça registradas que meu pai possuía.

E a foto, onde ficou?... Na invasão da casa pelos policiais, minha mãe que acompanhava tudo em silêncio e vendo o perigo que corriam, se os militares encontrassem a foto, mais que depressa, escapuliu da loja, apanhou a foto, na parede, rasgou-a em pedacinhos e consumiu-a nas chamas do fogão.

Meu pai nunca mais viu a foto, nem soube mais notícias dela. Ficou com esse sentimento até a morte aos 89 anos, no dia do aniversário do município, pelo qual muito trabalhou e tanto lutou.

Certamente, hoje, ele se encontra junto com Brizola na estância de São Pedro, chimarreando e revivendo estes fatos.



# TODO INDIVÍDUO É ÚNICO

*Elbenice Vargas - 1994<sup>5</sup>*

O indivíduo é um ser dotado de raciocínio e inteligência plenos. Ele é capaz de agir por si só, é idôneo e responsável pelos seus próprios atos.

Todo ser humano tem condições suficientes de dirigir sua própria razão. É dispensável a interferência de qualquer outro ser, que venha a influir naquilo que ele deva ou não fazer, agir ou pensar, em todos os aspectos da vida, quer pessoal, quer profissional, que ideológico.

Na certeza de que o indivíduo é íntegro, responsável e honesto sua personalidade é indiscutível. Criam-se situações pelo fato de terceiros invadirem a privacidade alheia com o intuito de interferir e tentar desviar seu posicionamento perante determinados fatos.

Muitas vezes, as pessoas passam a ser usadas, despercebidamente, enquanto estão lutando e trabalhando por interesses de outros, simplesmente para o bem servir.

O desrespeito ao semelhante e a desonestidade com que certas personagens jogam sujo, não cabe a nenhum julgar, pois elas prestarão conta a um único Ser, infinito e bom.

---

5 Cronista e colaboradora do Projeto Passo Fundo.



Cada pessoa deve ter um posicionamento firme e convicto em relação a sua vida particular e profissional, da maneira que melhor lhe convier e com o objetivo de viver e desempenhar sempre o melhor de si mesmo em todas as suas atitudes e ações.

A integridade individual deve ser respeitada e preservada. É mister que se faça nítida distinção entre o homem e o objeto.

O poeta mexicano Octávio Paz – prêmio Nobel de literatura – dissera: “As vanguardas terminaram. O que importa, hoje, são os indivíduos e não o fato de estarem vinculados a determinados rótulos”. Portanto, todo indivíduo é efetivamente único e personalíssimo, com características muito particulares e distintas. Assim, ele é capaz de assumir-se por si só.





# **V**IVER é **A**CREDITAR nas **P**ALAVRAS

**“Registros que se soltam pelo ar / feitos em tempos diversos /  
e vivências únicas / com metáforas de destino incerto, / para olhares  
atentos, / mãos estendidas, / corações abertos... /**

**Gosto pela (RE)flexão...”**

*(Dinair Fernandes Pires)*





# AMOR, SACIEDADE PARA OS FAMINTOS DE QUÊ?

*Marlene Kremer<sup>6</sup>*

Fala-se tanto do Amor, esse tema infundável que é sempre a serviço de justificativas imprescindíveis para curas da alma que, não raro, passa a nos soar como assunto trivial, levando-nos a acreditar nalgum dado momento que, sim, o amor tenda a ser visto como menos um complemento salutar, por que não dizer, em nossas necessidades diárias; isso tudo, sem nos dar conta de que a banalização da vida e dos sentimentos poderá fazer com que percamos, de vez, antigos hábitos revigorantes de reestruturação social; principalmente, enquanto estamos a valorizar mais que tudo a perda dos preciosos minutos do dia a dia em contraste com o amor, que escorre feito areia fina por entre finas passagens na linha do tempo, grudados a paredes geladas de complexas galerias feitas para aprisionar pessoas e comportamentos. E mesmo que o gostar nos alcance feito breves tsunamis devolvidos ao seio natural das águas salgadas e sem causar grandes danos à orla, serve-nos de alerta aos sentidos mudos da abstração amorosa. Empobrece, por simples distração ou por estarmos demasiado ocupados com questões outras inerentes ao humano, que não delegam exclusividade a ele. Nesse ínterim, entre descaso e futilidade ao negar-lhe a importância

---

<sup>6</sup> Escritora, poetisa e colaboradora do Projeto Passo Fundo.



devida, perdemos nós. Compreensível, até determinado ponto, já que a vida prática costuma desumanizar afetos e proximidade, mas... Lógico, criaturas bem aventuradas, isso tudo sem generalizar a coisa, certo? Pois sempre há ressalvas e nem todos encaram o amor como único alvo para a sua 'salvação', um único fator de subsistência para si, mas, sim, uma fundamental necessidade para a perpetuação dos seres em tempos não tão saudáveis psicologicamente, avaliando tão delicado tema. Os que ao amor visualizam imputando-lhe valor constante em suas vidas, perseguem-no como a uma caça; se não a alcançam, causam-nos a impressão de viver num eterno estado de desnutrição devido a sua falta; parecem mesmo perder o equilíbrio ou o entusiasmo que essa adrenalina lhes proporciona. É como se algo estivesse sempre prestes a acontecer ou vice versa; quem sabe, desaparecer? Mas, se ocorrer o chamado novamente, certa obsessão vai junto: grifa-se uma espécie de mantra no pensamento e o eco reverbera a inquietante voz do "Ai, estoy a vivir un gran amor!"; ou, de forma mais dramática, ainda, "Ah, estou a morrer de amor! " Hum, fraquinho isso tudo! Bate quase como uma obrigação o estar amando, porém... Vai muito além esse sentimento que tem o poder de salvar náufragos, buscar sobreviventes em mares clandestinos, que se debatem no desespero de encontrarem suas boias de salvação. Por outro ângulo, quando o amor, acontecer de maneira leviana, inconsequente, o gesto que deveria ser esboçado como triunfo, uma forma de saciedade plena para almas inconstantes, apresenta-se de vez em quando, como se o cristão houvesse acertado apenas a quadra e não o bilhete inteiro, os seis esperados números da loteria na virada do Ano Novo. Resumindo: não foi valorizado como dever-se-ia valorizar; daí, "tudo" escapa de nossas mãos para, só então, bem mais tarde, percebermos de que tal sentimento não se tratava de um equívoco, apenas; de



que havia, sim, algo mais naquele desassossego de almas. Sacrilégio, isso!!

Em geral, ao levantar-se tal tema o que nos vem de imediato à memória é o amor carnal. Ledo engano! Amar vai muito além da entrega física que, infelizmente, mais do que sentimento pré-definido (paixão, dizem) acaba sendo mal interpretado (criminoso?) se não detectado a tempo, chegando ao extremo de ser vendido, comprado, usado como moeda de troca entre outros câmbios. Subversiva é a palavra apropriada, aqui, se ou quando no foro da ilegalidade, provoque algumas situações confusas, se é que me entendem os do universo adulto. Baboseiras, dirão alguns! Esse papo, o compromisso com a verdade e, por conseguinte, com o Amor de verdade, anda meio fora de moda. Será?! Não assimilo dessa forma, assim, banal. Muitos irão concordar comigo, obrigada!

Bem, seriam inúmeras as versões ou definições encontradas para sentimentos feitos esse, o nosso caro/nobre ato de amar e seus bons presságios se os formos procurar. Mas, lamentavelmente, isso não impede que o amor, para alguns, continue a passar tão rápido por determinadas mentes como sendo... Resultado de breve efeito cometa a desfigurar-se rápido no ínfimo horizonte dos desalmados onde jazem nuances outrora aplaudidas. Pena, não deveria acontecer dessa forma! Ainda assim, a minha mais simples forma de AMAR diz que devemos usar-lhe como digníssimo sentimento; usar e abusar dele enquanto há TEMPO, pois, se o ódio ganhar terreno - tendenciosamente argumentando - estaremos perdidos, não na ilha comum do LOVE comum, mas sim num deserto arenoso, perigoso, aterrador até as últimas consequências. Bye!





# RUGAS

*Zenir Mesquita<sup>7</sup>*

Tenho cabelos loiros pintados para esconder os fios brancos. Não lembro exatamente em que ano começaram a branquear. Tenho rugas no rosto, também não lembro quando começaram a aparecer, tento disfarçá-las, tem tanta novidade no campo da dermatologia, achei por bem aproveitar.

Do corpo quase não cuido, só agora entrei para uma academia, por ordem médica, ele disse que na minha idade, preciso de exercícios; mais falta de que vou. Das minhas unhas, cuido semanalmente, acho que são um cartão de visitas; unhas maltratadas causam péssima impressão. Sou vaidosa, mas não em excesso; na medida certa para uma mulher. Enfim, os anos passam e as marcas que deixam em nós não há como conter, nem pretendo isso. Acho que cada marca que meu corpo carrega tem uma linda história.

Às vezes, me pego na frente do espelho descobrindo uma nova ruguinha e, descubro que ela apareceu quando perdi um grande amor. Poderia enumerar cada fio de cabelo branco: foram marido, filhos e amigos que os colocaram ali, não quero me desfazer de nenhuma destas marcas, apenas amenizá-las; acho que mereço isso. Atualmente, a parte que mais mereço a minha atenção é a minha cabeça,

<sup>7</sup> Cronista e colaborador do Projeto Passo Fundo.



procuro todos os dias colocá-la no lugar, equilibrando-a e alimentando-a com sonhos e alegrias. Corpo e mente caminham juntos; se um estiver bem, a outra também estará...

Não escondo a minha idade, sei que poucos completam 80 anos e eu fiz, graças a Deus; metade bem vivida, outra nem tanto; aí está o encanto da minha idade, conheci de tudo um pouco, das lágrimas aos sorrisos, ambas fizeram de mim a pessoa que sou, ficaram as rugas no rosto e na alma, mas, também ficaram os sorrisos. As rugas mais bonitas foram as que adquiri por estar sorrindo; às vezes, com vontade de chorar.





# OS GUARDAS, A MORENA E A VELHINHA

*Paulo Monteiro*<sup>8</sup>

Era num desses dias que antecedem a terça-feira de carnaval. O espírito da divindade que comanda a folia tomava conta do mundo. Divindade, palavra que em grego significa dáimon, de onde nos veio o portuguesíssimo demônio.

Como ia dizendo, o espírito de Saturno ou Momo estava à solta. Passeava pela avenida. E apareceu na minha frente sambando o samba do crioulo doido, imortalizado por Stanislaw Ponte Preta que, na verdade, se chamava Sérgio Porto.

E não sob a única forma, mas, de quatro pessoas diferentes. Sobre a faixa de segurança para pedestres uma dessas morenas de escola de samba. Morena, capaz de criar carranca nas senhoras mais risonhas e abrir a boca de qualquer cidadão circunspecto, atravessava a avenida exibindo os bens torneados quadris e adjacências, num quase balanço de passista.

Aparecem do meio do canteiro outras duas encarnações de Momo: um, sujeito magro e alto, como

---

<sup>8</sup> Escritor, historiador, membro da Academia Passo-Fundense de Letras e de outras entidades culturais do Brasil e do Exterior. Autor de “Combates da Revolução Federalista em Passo Fundo” de 2006; “O Massacre de Porongos & Outras Histórias Gaúchas” de 2010; “A Campanha da Legalidade em Passo Fundo” de 2011; “eu resisti também cantando” de 2012. Patrono da 27ª Feira do Livro em Passo Fundo em 2013.



uma dessas espigas falhadas de milho verde sem casca e, outro, baixinho e desengonçado, como um duende das histórias de bruxa. Metem-se no meio da pista de rolamento e fazem vibrar seus apitos ameaçadoramente contra um carro que vinha a uns vinte e tantos metros do local. E, com um olho no cravo e outro na ferradura, quer dizer, um olho no carro e outro na morena, ali permaneceram até que, em segurança, a dita cuja atravessasse a avenida.

Dentro de instantes me aparece o quarto cavaleiro do dáimon: uma senhora, curvada sobre seus noventa e tantos ou mais anos, firmando-se numa bengala de cana.

A morena já subia a ladeira, do outro lado da avenida. Os apitossaram, de novo, em unísono. A segunda e a terceira faces da divindade se aproximaram da macróbia e lhe passaram uma descompostura por cruzar longe da faixa para pedestres. Serenamente, a velhinha respondeu-lhes:

- Ih!, meus filhos, não tem perigo. Eu conheço as charretes e as carroças que passam por aqui, desde os tempos das tropas de mulas que iam pra Sorocaba. E mais uma coisa, meus filhos: eu tinha umas ancas mais bonitas do que aquela morena que está entrando no Fórum.



# O PODER DAS PALAVRAS

Osvandré Lech<sup>9</sup>

*"Quando ficar doente quero um médico, não um cientista"* (Mario Quintana). Impressiona o poder das palavras no dia-a-dia da profissão médica; aprendemos estes jargões e passamos a vida repetindo-os. Parece que ao repeti-los, incorporamos a vibração e o poder de convencimento contidos naquela frase. *Se você quiser falar comigo, primeiro defina os termos* (Voltaire). Desta forma, conseguimos nos comunicar melhor com nossos pacientes e praticar uma medicina ideal, pois, *os médicos mais notáveis são os que sabem incluir fé e esperança na receita aos seus pacientes* (O. S. Mardem). Por outro lado, *um médico despreparado é uma arma apontada para a sociedade* (Marco Antônio Becker). Neste terceiro milênio mecanicista, impessoal e multifuncional, estar preparado para exercer a medicina significa muito além de conhecer todas as técnicas de cura e reparação. *Se toda a medicina não está na bondade, menos vale dela separada* (Miguel Couto). *Queres ser médico, meu filho? Esta é a aspiração de uma alma generosa, de um espírito ávido de ciência. Tens pensado bem no que há de ser a tua vida?* (Esculápio). *Afinal, o paciente espera do médico disponibilidade, carinho e habilidade - availability, amability, ability. Nesta ordem!*

---

<sup>9</sup> Osvandré Luiz Canfield Lech é escritor, membro e ex-presidente da Academia Passo-Fundense de Letras e colaborador do Projeto Passo Fundo.



(Harold Kleinert).

Em medicina sempre haverá possibilidade de aprender mais. *Eu erro, mas tenho errado menos que os demais cirurgiões (Guillaume Dupuytren)*. Além disso, devemos desenvolver a capacidade de aceitar diferentes pontos de vista. *Eu não espero que os meus contemporâneos aceitem todas as minhas doutrinas; talvez as próximas gerações possam adotá-las e aperfeiçoá-las (Joseph Lister)*, já que *o sinal mais gratificante do rápido progresso do nosso tempo é que os melhores livros-textos se desatualizam tão rapidamente (Theodor Billroth)*.

Respeitar os pacientes através de explicações claras, simples e honestas para que eles possam entender o processo da doença e da cura é outra responsabilidade da medicina atual. Repassar para as novas gerações através de apresentações orais ou textos científicos completa uma saga iniciada por Hipócrates, aclamado como o pai da medicina ocidental. *Afinal, ler faz um homem completo, conferenciar faz um homem pronto e escrever faz um homem exato (Francis Bacon)*.



# DE SONHOS, CANTORAS E DE VIDA BOA!

*Sueli Gehlen Frosi<sup>10</sup>*

Pessoas da minha idade já sonharam muito! E continuam sonhando, por que, afinal, ainda estão vivas. Mas temos mais sonhos sonhados do que sonhos realizados e sonhos a realizar.

As pessoas que sabem de sonhos reconhecerão um dos meus. Sonhei ser *crooner* de orquestra, juro! Os bailes da minha vida tinham uma figura fascinante, na qual me imaginava. Ser cantora de bailes, usar vestidos brilhantes, embalar os casais enlaçados no afã de dançar, foi algo que sonhei viver. Não consegui por um motivo óbvio: não sei cantar!

Meu lugar predileto, exceto estar na pista de danças, era ficar voltada para a orquestra e observar o charme das cantoras, seu figurino, seu repertório. A parafernália que acompanhava a tarefa me intrigava, por compartilhar da angústia por virar páginas bem depressa, naquilo que me parecia um púlpito, sem ser. Um púlpito serve para pregar,

---

<sup>10</sup> Sueli Gehlen Frosi casada com Domingos Frosi, filhos: Ricardo, Cássio e Bruno, Eliza e Flávia; Estudou no colégio Notre Dame e no Instituto Educacional, cursou Ciências Contábeis na Universidade de Passo Fundo e Filosofia no Instituto Superior de Filosofia Berthier. Escritora, Poeta, membro da Academia Passo-Fundense de Letras desde o ano de 2010 e colaboradora do Projeto Passo Fundo.



para discursar, mas aquela geringonça metálica onde repousam partituras e letras de música servia para que eu ficasse ali, louca pra ajudar a virar páginas e não deixar que a cantora se perdesse.

Esta semana fui a um restaurante com música ao vivo. E lá estava uma moça linda, de jeans! Não senti nenhuma falta do vestido brilhante, mas aquele desejo de estar no lugar dela me assaltou mesmo assim. E ela, além de cantar e bem, tocava piano! E não se perdeu sequer um instante para virar páginas. Ela tinha à sua frente um aparelho eletrônico que identifiquei como um *tablet*. A parafernália do passado ficou reduzida a um retângulo e um fio conectado não sei no quê.

Súbito, percebi fascinada como sempre, que era hora de “virar a página” e, plic... com um dedinho ela subiu a tela e lá estava a continuação da partitura e da letra que executava. Paralisei! Agora, além de não ter voz, nem vestido brilhante, soube que não conseguiria operar aquela coisa mágica com a destreza da minha cantora.

Desisti de me sentir auto sabotada. Resolvi aproveitar! Voltei-me para minhas companhias, sem deixar de observar, às vezes, aquela figura tão linda, tão suave, que insistia em me distrair das conversas. Meu sonho de cantar em um palco não se realizou, mas realizei tantos outros. Realizei até o que não sonhei! E ainda tenho tanto a sonhar e depois realizar!

Quero ter ainda muitos desejos, dentre os quais, o de ser convidada amiúde a frequentar ambientes alegres, onde haja conversas, risadas, música, comida boa, planos compartilhados.

Hoje quero que todo mundo, inclusive eu, tenha



um lindo dia de Páscoa, a fim de que pensemos todos na renovação da vida. Quero repensar tanta coisa, revalidar se for o caso, mas rejeitar tudo o que não seja adequado para a realização da vida boa. Por vida boa entendo estar com quem amo, mesmo que de longe. E, se de perto, que seja uma convivência alegre e cheia de carinho.

Quanto a cantar, aproveito a Páscoa para cantar com as crianças: "Coelhinho da Páscoa, que trazes pra mim...". Meus netos não estão nem aí para a qualidade da minha voz. Ufa! Ainda bem!



# SER MÃE

*Maristela Farinha<sup>11</sup>*

Até existe o ditado: “ser MÃE é PADECER no paraíso”. Se fosse fácil, seria tarefa para os homens (sem desmerecê-los, mas “cada um no seu quadrado”).

Quem mais poderia fabricar e carregar outro ser, ou seres (às vezes vem mais de um, ou muitos de cada vez), se abrir ao máximo (talvez com intervenção cirúrgica) para dá-los à luz e antes de nos recuperarmos já estarmos enfrentando a difícil tarefa de alimentá-los, amamentá-los com nosso próprio leite, a seiva de vida. Não é tarefa fácil nem indolor, mas o fazemos com galhardia e orgulho.

Sem nos darmos conta, atravessamos os dias e noites atentas ao menor resmungo, ao menor sinal de desconforto e achamos que só nós podemos cuidar desses serezinhos tão indefesos.

Passamos os anos nos preocupando, nos esforçando e nos transformando em várias mulheres para conciliar a mulher-MÃE com as próprias necessidades: marido, família, trabalho e sociedade; e CONSEGUIMOS!

Choramos e fazemos! Não nos abatemos (não a ponto de largar tudo), pois os esforços nos tornam melhores,

---

<sup>11</sup> Cronista e colaboradora do Projeto Passo Fundo.





plenamente capazes de enfrentar quaisquer problemas.

Um dia (e ele chega!), olhamos para trás e percebemos que tudo que passamos não deixou marcas indesejáveis, nem traumas; mas, com certeza, aquilo que não fizemos nos deixou arrependimentos e temos que viver com isso da melhor maneira.

Resumo: ser MÃE é o melhor papel da mulher; é o que nos completa, porque fabricar seres e torná-los pessoas íntegras é, realmente, uma dádiva.

Nenhum esforço é em vão, tudo nos é recompensado, desde o primeiro sorriso e todas as emoções das conquistas do(s) filho(s), até quando ele(a) próprio(a) inicia a sua própria prole e nos faz assumir novo e maravilhoso papel: ser avó!

Portanto, aproveitemos cada momento ao lado de nossos pequenos (sempre serão); o cansaço é passageiro e o esquecemos rapidamente; os bons momentos, as alegrias também são momentos fugazes, mas, ficam eternamente em nossas lembranças.

Nada é mais gratificante do que o sorriso, o riso, a gargalhada de um(a) filho(a). Não importa a idade dele(a); até hoje esse é o meu som e minha trilha sonora preferida para me fazer dormir sorrindo e acreditando que tudo está em seu lugar.



# RODA GIGANTE

*Moacir Luis Araldi<sup>12</sup>*

Decidiu não mais tocar no assunto. Tem coisas que depois que criam casca é melhor não mexer. Um leve toque pode provocar odores desagradáveis .

Nunca mais. Passado é passado. Foi intenso, mas sobreviveria.

Mergulhado no trabalho, passava horas, até mesmo um turno inteiro sem lembrar.

Verdade que a noite em casa, ainda acessava velhos links e redes sociais quase que por instinto.

Teve momentos em que desejou que todos os sentimentos fossem controlados por botões de ligar e desligar.

Por vezes, pintava cenários extremamente românticos e, em sua mente, cenas de amores inesquecíveis rodavam lentamente, como faziam os antigos projetores do cine Imperial.

Lá sonhou ser o mais viril dos atores pornô. O mocinho que encantava gerações. Don Juan de uma juventude

---

12 Escritor e colaborador do Projeto Passo Fundo, lançou seu primeiro livro solo em 2014 intitulado Carbernet pela editora Aldeia Sul de Passo Fundo.



rebelde que, de cabelos longos, sonhava com a liberdade sexual e política; ainda assim, nos domingos à tarde sorria rodando ridiculamente na roda gigante de um parque de diversões, por ora ali fixado.

Por outro lado, com amigos, na Praça da Mãe Preta, balançando inconvenientemente a chave do fusca branco, encardido e desgastado.

A revolução que sonhava nunca ajudou a fazer. No máximo, cantarolava Geraldo Vandré, agarrado ao seu violão com cordas de nylon.

Não tinha tantos motivos pra sorrir. A vida nunca lhe fora muito generosa. Às vezes, sentia-se escravo substituto de Bentinho, no seminário; outras, o próprio Dom Casmurro.

Entendeu que tudo pode piorar, após o professor Henrique pedir a leitura e análise de Os Lusíadas.

Dos lábios de mel, restou-lhe apenas Iracema. Agora estava só. Balançou a garrafa e, por sorte, ainda tinha mais de meio litro de alegria e a lembrança da amada para poder sonhar.



# A ARTE DE FERVER O TEXTO

*Daniele de Freitas dos Santos*<sup>13</sup>

Assim como a Martha Medeiros, nunca gostei de coisas mornas. Textos mornos, então, passo longe. Texto que é texto seja artigo, crônica ou resenha, não pode passar pelo leitor sem provocar algum tipo de emoção. Se o que você escreveu não fez a pessoa do outro lado comentar, concordar veementemente ou criticar profundamente o seu ponto de vista, então, foi mal escrito.

Isso não quer dizer, obviamente, que escrever um texto polêmico baseado em *achismos* é fazer a coisa certa. Nem aqui nem na China. Texto bom estimula a reação porque tem conteúdo, mexe com o imaginário das pessoas, cutuca com perspicácia as falhas da sociedade e a instiga a se posicionar sobre o assunto. Definitivamente, escrever bem é uma arte para poucos – poucos esses que eu admiro.

Lembro que uma vez – e que saudososa vez – escrevi sobre uma situação extremamente banal e cotidiana: fazer compras no supermercado. Na crônica, eu descrevia como observar na fila do caixa o que as outras pessoas estão comprando pode dizer muito sobre elas. Foram dezenas de comentários. Grande parte deles criticando, porque não concordavam com o meu ponto de vista.

---

13 Jornalista apaixonada pelas letras e colaboradora do Projeto Passo Fundo.



Acho que é por aí: com um texto simples, conseguir comover as pessoas de alguma forma, “incomodá-las” a ponto de elas dedicarem o seu tempo para se manifestar sobre como se sentiram diante daquelas palavras. E não é preciso um arsenal de vocábulos para isso. Tem gente que acha que escrever bem é escrever complicado. Nem aqui nem na China. Escrever bem é deixar os olhos do leitor alegres e saltitantes por entre as linhas, despertando sentidos e alavancando percepções sobre a vida.

Como dizia a tia-avó, “bolacha d’água e sal só é boa pra dor de barriga”. Texto água e sal também. Sem gosto, sem tempero, sem cor, sem vida: uma perda de tempo.

Escrever é ser um malabarista, é equilibrar as palavras certas, caprichar na dose de criatividade e, também, se colocar no lugar do leitor. Escrever um texto é como um encontro: se a química não fluir na primeira linha, dificilmente surgirá o interesse em conhecer o restante. Uma verdadeira arte que eu não desisto de tentar aprender.



# RATO DE BIBLIOTECA

*Thagi*<sup>14</sup>

Desde criança fui rato de biblioteca e, ao iniciar os estudos, em Passo Fundo, na Escola Protásio Alves, lembro-me da professora responsável pela biblioteca, seu sobrenome era "Nhoten "; não sei se é assim que se escreve. Ela, na hora do recreio, ficava na biblioteca para quem quisesse pegar livros e eu sempre estava lá.

Depois, descobri a Biblioteca Municipal, outro deleite em minha vida. Na época, quem cuidava dela era uma senhora judia, que minha mente teima em esquecer o nome. Eu passava as tardes conversando com ela, e lendo.

Infelizmente não terminei meus estudos, fiz até o fim do fundamental, mas, nem por isso, perdi o gosto pelos livros e por escrever. Lógico, não sou nenhum escritor de verdade, apenas jogo no papel o que me vem à cabeça, com erros ortográficos e tudo a que tenho direito.

Voltando para Passo Fundo associei-me novamente na Biblioteca Municipal. Digo de antemão que nunca fui bom em entregar no prazo certo os empréstimos, mas, gosto de ler. Sempre pego em média cinco livros de literaturas diversas, infanto-juvenil. Com a reforma limitaram as quantidades; para minha surpresa, ontem, ao entregar os livros (com atraso) não me deixaram pegar outros cinco, mas, apenas três livros.

---

<sup>14</sup> Gilson Mello é escritor e colaborador do Projeto Passo Fundo.



A explicação até foi plausível, pelos meus atrasos e etc. Tudo bem, mas a maior gafe que disseram foi de que havia muitos livros fora. Bom, as prateleiras estão abarrotadas, algumas foram retiradas para dar lugar à exposição que está acontecendo, sei que ainda há muitos livros que não voltaram de onde guardados quando da reforma. Sinceramente, não vejo muita gente frequentando a biblioteca. Em outros tempos, teria feito um escândalo, mas, pensei: tudo bem são as normas. Então, cheguei à conclusão de que pagamos por tudo: salários dos governantes, professores, gastos com prédios públicos, enfim, por muitas coisas. Pagamos por tudo e não somos donos de nada. Pago o salário e nada mando. Sei lá, chego à conclusão de que somos meramente nada, desde a saúde, onde somos tratados como se fossemos pedintes, como se não tivéssemos direitos. Cansei de ouvir e ver em postos de saúde, atendentes nos tratarem mal, e as pessoas saírem falando: não se esqueçam daquela plaquinha, “desacatar funcionário...” Porcaria! Somos quem pagamos os salários e ainda somos maltratados. Bom, não era esse o assunto.

Fiquem com os livros decorando a nova biblioteca. Não pego mais. Quando der, compro no *sebo*. Quem tiver algum livro que queira me dar, será bem vindo, mas, decididamente, dos órgãos públicos, tetas que nós enchemos de leite, não devemos esperar nada, simplesmente nada.

Entra político, sai político e, estou com 47 anos, nunca vi mudança nenhuma pra melhor. Estou esperando as próximas eleições, porque esperarei os digníssimos candidatos com uma espingarda de sal grosso. Será que preciso dizer para quê?

Bom, como rato, enfim, conseguiram me exterminar!



# DESAMAR... VERBO INTRANSIGENTE

*Carlos Job<sup>15</sup>*

Mas que loucura é, enfim viver!

Viver aliás, é relativamente fácil, amar é o problema!

Percebo uma certa dificuldade do leitor em assimilar tais devaneios. Explicarei melhor.

Desconsiderarei aqui o amor filial e fraternal. Os gregos sabiam do babado. Mas hoje em dia a ética/moral nos impõem restrições e a lei nos imputa comportamentos... Amar primos/primas é acidente de percurso, ou não!

Mas lembro que depois dos meus 13/14/15 anos, não sei precisar muito bem, enveredei nas veias ardentes do amor ... claro, me apaixonava e este sentimento como relâmpago já virava amor de doer o peito, tinha febre terçã, ardia-me a alma. Vagava como zumbi na estrada férrea, escrevia poemas, muitos dos quais jamais entreguei ... a dedicatória foi sempre e é virtual ...

Amei Lia, Tânia, Márcia, Raquel, Maria Helena e ... minha mente seletiva, para evitar a dor maior, foi esquecendo tantos nomes ... ao menos é o que garantem em suntuosos

---

15 Professor, diretor de produção teatral, ator de teatro. Colaborador do Projeto Passo Fundo. Escritor e autor de peças teatrais. Participou das Coletâneas 2013 do Projeto Passo Fundo.





tratados psiquiatras de renome ...

Mas, cada amor que terminava, alguns, muitos até nunca começaram, ficaram entre eu e minha mente transtornada. Mas outros, quando do término palpável, cheguei a odiar, desencantar. Mas uma coisa vos confesso ... "a todas jamais desamei".

Para algumas nunca mais voltei. E como é difícil voltar à quem se desama. Outras tantas jamais voltaram para mim, mas jamais as desamei (que jogo de palavras desinfelizes).

Desamar é amputação na alma. E cada amor está gravado nela. Desamar portanto é quase uma impossibilidade física.

Amo Helen, Carolina e Hannah e desamá-las seria um drama Euripidiano. Assim como amei Beatriz, Talita, Luiza, Isabela e a estas eu odiei, sonhei com suas mortes lentas e dolorosas, mas jamais, nem no ínfimo instante de minha maldade, consegui desamá-las.

Desamar é como destino, por mais que se fuja... este sentimento está ali, no primeiro descuido de nossas lembranças! O desamor se transforma em quase bucólica saudade ... numa lembrança distante, num sorriso em que os olhos permanecem tristes.

Para que fique claro... desamar não é odiar. Pois o ódio pode virar amor, a linha é muito tênue.

Desamar é a intransigência, a insaciedade. Depois que se ama caro leitor, desamar é quase morrer ou o frio conceito desta...

Desamar é como não ter amado!



# DIGA-ME O QUE E COMO DIRIGES E...

*Marilise Brockstedt Lech*<sup>16</sup>

Quem nunca sonhou em ter um carro ou um determinado tipo de carro? Esse bem de consumo, que faz até os mais conscientes cidadãos confundirem necessidade com prazer, vai muito além de seu significado real, avançando em representações simbólicas que revelam o *modus vivendi* do seu proprietário.

Do mesmo modo que a roupa que usamos pode estar apenas encobrindo o que ficou culturalmente convencionalizado que não devemos mostrar, pode, por outro lado, estar revelando o nosso estilo e/ou nossa personalidade; o carro que dirigimos (e como o dirigimos!), sem generalizações ou absolutismos, também pode revelar parte de quem somos, do que pensamos e de como vivemos.

A escolha de um carro nem sempre é fruto de uma definição puramente consciente ou inconsciente. Vários fatores levam a ela: o caixa disponível, os acasos, a praticidade, os valores de vida referentes ao conforto, à segurança e até mesmo à busca de status. Vale salientar que não é o valor monetário do carro que vai revelar quem é seu dono, mas, sim, um conjunto de aspectos. Afinal, tem

---

<sup>16</sup> Escritora, membro da Academia Passo-Fundense de Letras e colaboradora do Projeto Passo Fundo.



aquele que não tem nem casa própria, mas tem um “carrão” na garagem...

Alguns desses aspectos, que determinam as escolhas e revelam a personalidade e o estilo de vida do sujeito, são: o tamanho do carro - serve a família inteira ou somente um(a) acompanhante, o modelo - conservador ou esportivo e, ainda, a cor do mesmo, embora nos últimos tempos esse último quesito se resume à supremacia dos carros de cor prata. Mas, mesmo numa época em que as opções de cores variam em quase total monocromia, alguns interpretadores de plantão, ainda assim, arriscam dizer que o carro preto pode representar sobriedade, o vermelho faz lembrar vitalidade e coragem, e assim por diante. Para mim, o azul claro, por exemplo, representa minha infância, pois faz lembrar o DKW Vemag, 1960, de meu avô. Ou seja, cada um de nós, a partir de nossas memórias, constrói seus próprios significados.

Pois bem, o carro já está na garagem e aí quem somos vai se revelar, também, pela manutenção do mesmo. Se o carro está com aquela raspadinha antiga, anda meio sujo ou brilhando, tanque cheio ou no “mico”, parado, rodando ou até mesmo emprestado para um amigo, somos nós nos revelando. Tem aqueles que mal compraram e já estão pensando em trocar ou, ao contrário, se “apegam” ao carro e ficam a vida inteira com ele. Sabendo de tudo isso, até pode ser possível traçar o perfil do sujeito ao entendermos essas questões como marcas e extensão de sua personalidade.

Enquanto andam pelas ruas e estradas da vida os sujeitos revelam-se, ainda, pelos acessórios que usam em seus veículos. Tem engate para reboque e rack na parte superior do carro? Hum!

É aventureiro... (ou não). Sabe-se até de uma madame



que colocou tapete persa e cortina no seu carro. Bem que saber disso me provocou certa nostalgia, ao lembrar do Aero Willys de meu pai, que tinha persianas no vidro traseiro...

E tem os tais de aerofólios, rodas incrementadas e faróis de milha... Tem até "tatuagem" para carros - Não são uma gracinha os adesivos com as famílias felizes? - Cuidado com os sequestros, dizem os mais precavidos, sobre essa exposição. E agora tem a tal da película. Será que estão usando por modismo, proteção ou para passar despercebido, mesmo? A essa ainda não aderi, pois, enxergar o mundo de um jeito mais escuro não me agrada muito... Ah, e se tiver alguém a me acenar e eu não conseguir identificar, eu não respondo...

Mas, os carros também podem ter personalidade própria. Mesmo contra a vontade das concessionárias que querem versatilidade em seus carros, alguns deles ganham rótulos, conforme consta em um site que discute essas questões.

"Parati é carro de surfista; Corolla, de gerente; quem compra um Golf ou um Audi A3 pode ser considerado um playboy. O garotão, que vai para a balada de Scénic, não precisa nem se explicar para os amigos: está na cara que pegou o carro da mãe", diz o autor. Na verdade, o imaginário popular não resiste a certas associações...

Seja um carro de luxo, um utilitário, um esportivo,... essa escolha também revela o momento de vida que se está vivendo: onde estão sendo feitos os investimentos; se a família é grande; se a prioridade é o trabalho ou o lazer. Eu, por exemplo, que não preciso mais carregar o time de basquete de meu filho e o de vôlei da minha filha, estou pensando em trocar o meu carro por um menor, até porque com o traffic jam de nossa cidade essa opção precisa ser



considerada. Foi-se o tempo em que andávamos na Caravan de meu pai, lotada de amigos sem cinto de segurança, nos deslocando do “esquentão” para o carnaval do clube. Ah, o “Mumuzão”, como era denominada por todos! Foi nos idos dos anos 80 que aquela Caravan cor de mumu, com seu grande coração de mãe, carregava quase um bloco de carnaval inteiro. E não é que sobrevivemos?

É que andávamos com cuidado... O modo de dirigir também revela a personalidade do motorista: mais cuidadoso, paciente, mais agressivo, defensivo ou ofensivo, mais acelerado (quer chegar cedo? Saia antes...). Seja aonde for, o carro é feito mesmo para rodar, mas se der para ir a pé, a saúde, a economia e os demais motoristas agradecem. Finalizando, indiscutivelmente, o carro dá uma sensação de poder, de agilidade, talvez até de liberdade.

No entanto, também pode ser uma arma nas mãos dos irresponsáveis. Façamos dele objeto de nossas realizações, sim, mas nunca esqueçamos que o que importa mesmo é para aonde vamos e com quem vamos...



# PEQUENO MODELO PARA IDENTIFICAR O QUE É AJUDAR E O QUE É DESAJUDAR

*Marco Aurélio Barbiero<sup>17</sup>*

É bem simples...

Primeiro o que é DESAJUDAR:

- Finalmente vai pendurar o quadro?
- Não vai fazer sujeira!
- Não faz nada sozinho?
- Muito para esquerda... muito para direita...  
agora está muito no meio!
- Não vai deixar torto!
- Não tem uma furadeira que faça menos barulho?
- Precisa de um parafuso tão grande?
- Esse parafusinho vai segurar?

---

<sup>17</sup> Nasceu em Sananduva no século passado e morou em várias cidades: Erval Grande, São Valentim e Barracão antes de se fixar em Passo Fundo, onde resiste até hoje apesar do frio. É marido da Cinarinha e pai do Pedro e da Laurinha. Já foi Programador, analista de sistemas e professor. Atualmente é servidor público federal resignado, mas ainda acredita ter algum talento escondido. Este livro é mais uma tentativa de achar esse talento.



- Vai encher de furos por quê?
- Eu não vou limpar essa sujeira!
- Ficou a sua cara (não se engane, mesmo que você seja um Brad Pitt ou um George Clooney, isso não é um elogio).
- Demorou duas semanas para fazer essa m...?

Agora, AJUDAR:

- Deixa que eu seguro o quadro para você marcar os furos!
- Beleza... eu vou pegar um pano e você passa o aspirador.
- Ficou bom! Vamos tomar um café?



# SIMPLES, MAS GOSTOSA

Rogério Alves Pereira<sup>18</sup>

Quantas vezes você entrou ou pensou em entrar num restaurante ou num ambiente “chique” que não é de seu dia a dia? Já pensou em comer pratos com nomes franceses ou impronunciáveis na primeira tentativa?

Quase sempre se paga uma fortuna. E o gosto? Bom, o gosto não passa nem perto do nome estranho que ouviu, mas, quem gasta não vai dizer que entrou numa fria e mentirá com toda a classe que, aquilo, foi o manjar dos deuses.

Com essa dúvida, as pessoas simplesmente mandam ver um bom arroz com feijão, ou um tradicional *ala-minuta*, pois, quando se tem vocação para partir para esses tipos de pratos e a fome é grande, não adianta inventar ou querer caviar, foie gras, stifado, sopa gazpacho, Bruschetta, Cocktail di gamberi, Stracchino, Squacquerone. Nomes que podem ser de comidas simples, mas, que causam impacto e que sempre trazem transtornos.

No futebol temos equipes que jogam no arroz com feijão e outras que conseguem incrementar com pitadas orientais.

---

18 Escritor e colaborador do Projeto Passo Fundo.





Lembro-me da Alemanha em 90, que coisinha mais simples, porém, no final gostosa. Perguntem aos alemães se eles não saborearam com delicadeza, aquele chucrute, que foi simples, mas, com sabor de uma estrela a mais no peito e muitas Weizenbier, Schwarzbier, Pils e outras cervejas. Em muitas copas vimos seleções jogando muito bem, jogadas lindas, mas, era apenas um prato lindo que não enchia a barriga.

O Internacional entrou em campo com um desejo incomum, querendo sair do jejum que maltratava a nação colorada e, para isso, fez o velho e bom, arroz com feijão, ou seja, um jogo simples e objetivo. Pelo andar do jogo, podem até inventar aquele toque de bola redondinho, um verdadeiro caviar, um toque especial como uma mistura perfeita, e o Inter sobrou em campo. Assim, o Abel prova que tem muitas cartas na manga. Pode até não ser campeão, mas, esse time começa a mostrar que não está com vocação para fazer feio. Não dá pra dizer que foi uma vitória simples, mas, com certeza foi muito gostosa.



# TERRA, SUOR E VERDE

*Dinair Fernandes Pires*<sup>19</sup>

A postura da árvore me impressiona: imponente, firme, majestosa e tranquila. Se uma só convida à contemplação, uma multidão delas nos transporta a uma viagem fantástica, especialmente quando a acompanhamos da germinação da semente até a sua maturidade. Na pequenez do início se esconde a incapacidade de abraçá-la ou alcançar seus galhos mais tarde.

O verde-escuro de sua protetora ramagem cerra meus olhos e num repente o chão se desnuda, a terra arenosa se faz poeira e torrão. Esse pedaço de chão se esvazia e volta no tempo. Escuto o rumor da vontade, do trabalho e da perseverança. A luta marca o compasso, e os dias se tecem por um “ir e vir” cheio de intenções, expectativas e planos.

Tudo isso na real certeza de que quando a natureza entra em ação o retorno é distante e corre o risco de a vista

---

19 Dinair Fernandes Pires é natural de Santana do Livramento (RS), Professora aposentada, poeta. Escolheu Passo Fundo para estudar, trabalhar, constituir família e cultivar laços de amizade e companheirismo. Seus poemas são publicandos em jornais, revistas ou sites literários. Participou de dois concursos da COLEURB: “Poemas nos Ônibus”, sendo premiada e tendo seus textos publicados nas coletâneas da Empresa nos anos 2003 e 2005. Colabora com a revista Água da Fonte da Academia Passo-Fundense de Letras e do Projeto Passo Fundo, onde participou das Coletâneas de 2011 e 2013. Lançou o livro *A vida em quatro estações, 2006 e Textos no Varal, 2014.*



não acompanhar e de a vida não colher os frutos.

O susto passa. Os olhos se abrem com medo, mas lá estão elas, frondosas e acolhedoras.

Maternais como toda a natureza. A seiva que sobe da terra outrora vazia se confunde com minhas veias. Por instantes me dissolvo nesse mato, e a tranquilidade se instala. A brisa e os raios de sol, como energia divina, fortalecem meus pés na profundidade de suas raízes. O suor do homem que carinhosamente ajeitou a semente e adubou seu crescimento, eliminou seus predadores, salpica minhas lembranças, se confunde com minhas lágrimas e toma forma de gratidão no andar do desapego. Suspiros jovens me embalam, e essa energia vai comigo para sempre!



# A SÍNDROME DO DIA SEGUINTE

*Professor Gabriel<sup>20</sup>*

No velório, como de costume, muito choro, sofrimento, e reencontros. Sim, reencontros, muitos abraços, muitas pessoas dizendo "Oh fulano, quanto tempo!". É o verdadeiro milagre da multiplicação. Todo mundo vira tio, primo distante, conhecido de anos, compadre, comadre. Distribuem-se os pêsames e a alegria por rever as pessoas. De um lado o morto, no caixão, imune a tudo, assiste (nem sei se dá para dizer isso) ao categórico ritual, necessário e já bem conhecido. De outro, todos os que marcaram sua vida, dando o último adeus.

Naquele lugar, sentado em um banco para descansar as pernas, pude notar que muitas pessoas ali presentes estavam terrivelmente doentes. Analisei cada detalhe, observei os semblantes de cada um, ouvi as conversas. Descobri que estão contaminados com um mal que se espalha venenosamente por toda a sociedade, uma enfermidade capaz de causar sérias afetações. Trata-se da síndrome do dia seguinte.

Essa doença costuma apresentar sinais imperceptíveis para a maioria. Quando a pessoa começa a sentir falta dos amigos e quer visitá-los, mas não vai; quando os filhos

---

<sup>20</sup> Gabriel Cavalheiro Tonin é estudante de Direito (Faculdade Imed); Professor no Seminário Scalabrini. Vencedor dos prêmios: - Concurso Debate Universitário 2013 - Concurso Interno de Oratória 2014 (JCI Passo Fundo) - Prêmio Fábio de Carvalho Noronha (Academia de Letras de São João da Boa Vista - SP) .



desejam passar mais tempo com os pais, mas não passam; quando alguém deseja cumprir uma tarefa, mas não cumpre, pode estar certo: já foi contagiado. E o pior não é isso. A fase mais terrível da doença ocorre quando a pessoa expressa o que sente e o que deseja em poucas palavras. No momento em que diz “faço no dia seguinte”, pode contar que está crônica a situação.

E só tende a piorar. Muito se reclamará da falta de tempo e muito se lembrará do que se quer fazer, mas nada mudará. O caminho para a fatalidade vai acontecendo aos poucos, sobretudo porque a pessoa perde a noção do tempo e do espaço; vive apenas para o trabalho; acredita que brincadeira é coisa apenas de criança; não ri de nada, não lê, não telefona para um conhecido. Enquanto a síndrome se espalha pelo sistema nervoso, sua vontade de viver se transforma, lenta ou apressadamente (depende muito do organismo), em uma luta pela sobrevivência. E mais, o mal é tão perigoso que pode até mesmo afetar a memória. Há estudos que comprovam que pessoas com essa síndrome se esquecem muito rapidamente das coisas boas da vida.

Certamente, se reparar bem, vai se encontrar alguém acometido por essa grave enfermidade. Se agir em tempo se consegue evitá-la. Coloque-se uma boa dose de disposição em cada dia vivido, um tempo maior reservado aos bons amigos, um cuidado maior com o jardim e com os outros e o tratamento será eficaz.

Se não tiver uma ação rápida, a coisa só vai se deteriorar. E aí vai acabar como aquele domingo no cemitério: todo mundo se encontrando no triste dia da morte de alguém. Se tudo for deixado para depois, o risco será imenso. É mais fácil dizer “faço no dia seguinte”. E se o dia seguinte não chegar?



# CARPE DIEM

*Júlio Perez<sup>21</sup>*

Primeiro é o Carnaval, depois o fim do horário de verão, dali a pouco é aquele ventinho mais frio que anuncia o inverno e pronto: lá se foi mais um ano. Digo o começo de mais um ano. Entramos na roda-viva do ano que começa e daí para frente é ligar o piloto automático até as férias de inverno – breves – e o fim de ano.

Outubro: primavera; novembro cheirando a dezembro. Dezembro? Nem se fala. Esse praticamente se resume as festas: Natal e Réveillon. Janeiro ou fevereiro – se for juiz, os dois - férias, praia ou outro programa do gênero. Carnaval... Bem, não preciso me repetir.

Assim é o ano. Assim é a vida que nos escorre pelas mãos!

O tempo passa rapidamente. É uma conclusão inevitável. Para quem, como eu, viveu isso 44 vezes, começa a ficar evidente que esse ciclo é ininterrupto e mais rápido do que podemos esperar ou desejar. O tempo passa e isso não é apenas uma constatação, mas, um protesto também,

---

<sup>21</sup> Nasceu em 1968, Advogado, Servidor público estadual - Tribunal de Contas do Estado. Membro da Academia Passo-Fundense de Letras; colaborador do Projeto Passo Fundo. Publicou seu primeiro livro - Expresso Instante em 2006 e o segundo Fugaz Idade em 2010 e o terceiro A Bolsa da Minha Mãe e Outros Contos em 2012.



afinal, o fim disso tudo sabemos onde vai dar.

Mas essa é a vida, e assim para todos. O que nos tranquiliza um pouco, mas não muda o fato inevitável. Por isso, vivemos o dia como se fosse o último, também parece um fato inevitável, afinal o tempo passa aproveite você ou não. E aproveitar ainda parece a melhor opção. É claro que enquanto isso for possível, ou seja, quando você não está doente, sem emprego ou endividado, porque nessas três situações, só irá pensar numa coisa: sair delas. Afora isso, temos que criar formas de fazer a vida valer a pena. *Carpe diem*, como nos ensinou o inesquecível filme Sociedade dos Poetas Mortos - Oscar de melhor roteiro original de 1990 -, o tempo é inexorável e a única coisa que pode detê-lo é o poder da imaginação.

Quando viajamos e conhecemos lugares diferentes, de certa forma estamos fazendo isso: detendo a passagem do tempo. O mesmo acontece quando vivemos uma experiência nova.

Diz um estudo que a sensação do tempo passar rapidamente deve-se ao fato de que vivemos na rotina. A não diferenciação das experiências vividas nos provoca isso. Tudo parece uma sucessão interminável dos mesmos fatos, pessoas e sentimentos. Com o tempo a mente desliga e, quando vemos, bum, passou um ano, dois, uma década. Mudar as coisas faz o tempo andar mais devagar. A mente se detém nessas experiências – o piloto automático é desligado - e passamos a contar o tempo não mais em dias, meses ou anos, mas em realizações. Enriquecemos em experiências e como seres humanos. Nossa memória se qualifica e associamos a passagem do tempo a esses fatos.

Experimente! Lembra-se de sua última experiência, da mais significativa? Quando aconteceu? Ontem? Há uma



semana? Há um mês? Há um ano? Viu? É fácil lembrar. Agora, me diga, o que você comeu terça-feira da semana passada? Difícil, não é?! Então, façamos valer a pena! Vivamos! Assim a passagem do tempo se tornará menos cruel e a vida terá valido a pena.

Quando do alto dos 70, 80 anos, olharmos para trás, não lembraremos por certo de muitas coisas, apenas das que nos marcaram profundamente. O número delas nos dirá se vivemos ou não e, como à noite, quando pomos a cabeça no travesseiro, se dormiremos ou não. Como no poema: Dormir é como morrer, de minha autoria, inserto no meu primeiro livro Expresso Instante: *Dormir é como morrer/ (...) / Nem a todos / é consentido. / Pois dormir / como morrer / implica / (...) / Ter amado Ter vivido.*





# UM LIVRO COM MAIS DE (900) NOVECENTAS PÁGINAS PARA ENSINAR COMO ESTUDAR E AS CONDIÇÕES IDEAIS PARA TAL

*Getúlio Vargas Zauza<sup>22</sup>*

Faz aproximadamente uns (10) dez anos chegou às minhas mãos um livro que tratava minuciosamente das condições ideais para e como estudar. O seu conteúdo era exposto em mais de (900) novecentas páginas.

Eu que já havia percorrido um longo caminho, tendo realizado (2) dois cursos de graduação, Licenciatura em História Natural e Psicologia e mais o resto da vida para manter-me atualizado, fiquei exultante, pois afinal alguém havia se disposto a ensinar como estudar.

Sinceramente, li as mais de novecentas páginas palavra por palavra, para acabar na decepção de não ter encontrado uma página que expusesse de forma simples e lógica a sequência dos passos que deveriam ser seguidos por estudante de qualquer nível.

Hoje, aos (83) oitenta e três anos continuo estudando por simples prazer, sempre na expectativa de encontrar algo

---

<sup>22</sup> Membro da Academia Passo-Fundense de Letras e articulista do jornal O Nacional onde escreveu inúmeros artigos sobre assuntos de sua especialidade, sobre urbanismo, educação, política, sociologia, ciência de natureza, filosofia, contos e crônicas, tendo publicado o livro de poemas Cânticos do Amor à Vida em 1984.



novo, com mente e coração abertos para o futuro.

Confesso que não consigo entender o motivo ou razão, se é que existe alguma, de com tantos doutores nos mais variados aspectos da Pedagogia, não existir nada referente a um método de estudo que sirva para qualquer nível e área de estudo. E me pergunto: para quem foi escrito aquele livro?



# TE VEJO!

*Gilberto Cunha*<sup>23</sup>

Quem sabe, antes de nos embrenharmos na defesa da necessidade de construção de uma nova ética para lidarmos melhor com as grandes questões que afligem a humanidade, o que precisaríamos, de fato, não seria uma nova ótica e uma nova óptica. É isso mesmo: uma nova ótica e uma nova óptica. Afinal, essas são as ciências que na física estudam o som e a luz e tem as suas contrapartes na biologia, que trata da audição e da visão. Pois, foi com o enfoque de, antes de qualquer coisa, “ouvir” e “ver”, que Roberto Crema (psicólogo e antropólogo da Unipaz/ Universidade Internacional da Paz), elaborou a linha mestra da conferência magna que proferiu no VIII Workshop de Editoração Científica provido pela ABEC-Associação Brasileira de Editores Científicos, em Campos do Jordão/SP, de 10 a 13 de novembro de 2014, sob o título “Liderança na área da autoria científica”.

---

<sup>23</sup> Gilberto R. Cunha, formado em agronomia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1985). Mestre e Doutor por essa mesma universidade na área de meteorologia agrícola (1988 e 1991). Autor da série de livros Meteorologia: Fatos & Mitos (1997, 2000 e 2003), e dos livros Cientistas no Divã (2007), Galileu é meu pesadelo (2009) e A ciência como ela é... (2012), entre outras obras sobre história e tecnologia de produção de trigo no Brasil. Articulista do jornal O Nacional desde 1996 sobre ciência e literatura. Em 2001 se incorporou e em 2014 assume a Presidência da Academia Passo-Fundense de Letras. Em 2009, foi escolhido Patrono da 23a Feira do Livro de Passo Fundo.



“Ouvir” e “ver”, antes de qualquer coisa, são peças fundamentais por serem base da hermenêutica (a ciência da interpretação) ou, para quem preferir, por estarem essas palavras expressas no primeiro mandamento das Leis de Deus e na tradição xamanística dos zulus na África do Sul. “Ouve/Escuta Israel!” (Deuteronômio 6:4-9) ou o “Shema Israel!” (da Torá) que formam a base do monoteísmo judaico-cristão dizem tudo. É pela relevância não só de ver, mas sentir a presença, nas relações interpessoais, que os zulus, em vez dos nossos protocolares cumprimentos - “bom dia/boa tarde/boa noite”, “como vai?”, “Oi, tudo bem?”, “Olá, eu vou bem, obrigado/obrigada!”, etc. - , optam pela peculiar saudação “sawubona”, que significa “TE VEJO!”, e pela inusitada resposta “sikhona”, literalmente traduzida por “ESTOU AQUI!”. É isso. Simples assim: TE VEJO... ESTOU AQUI! E se foi o Senhor Deus que ordenou e se os Xamãs assim o querem, quem somos nós para questionar?

Roberto Crema tratou do exercício da liderança alheia aos cargos posições ocupados na hierarquia das corporações, que se dá, acima de tudo, pela escuta, pelo olhar e pelo sentir a presença do outro. Algo aparentemente simples, mas de difícil concretização prática no mundo das organizações, em que, não raro, são territórios em que reinam absolutos chefetes de plantão, cujo respeito que recebem dos pares não transcende os contornos dos cargos que ocupam. Entenda-se que escutar não é meramente ouvir. Audição é função biológica, mas a nossa referência é INTERPRETAR, que exige a pluralidade dos sentidos, num mundo em que, metaforicamente, vivemos a crise da surdez, decretando-se a falência da hermenêutica. Precisamos, especialmente no universo científico, transgredir a NORMOSE, expressão forjada por Jean Yves Leloup na França e por Roberto Crema no Brasil, que significa a patologia da normalidade ou a



doença da estagnação evolutiva, da qual muitos nós, mesmo imperceptivelmente, sofre, quando se deixa dominar pelas coisas pequenas, pela mediocridade e pelo egocentrismo exacerbado, perdendo a capacidade de “ouvir” e “ver”, passando a atuar, por mais elevadas que sejam as titulações acadêmicas, como um imbecil funcional, que acredita ser possível encontrar a solução do problema usando o mesmo paradigma que criou o problema.

Roberto Crema tem fala suave e aura espiritualizada, estilo guru Nova Era que, mesmo abusando de frases de efeito, cuja autoria original, para ouvidos atentos, pode ser facilmente identificada, se não nos convence, pelo menos nos deixa mais reflexivos. São referências, como: “o maior perigo da humanidade é um cientista alienado” (Robert Oppenheimer); “o pior naufrágio é não partir” (Amyr Klink); “*vida é o que acontece enquanto estamos ocupados fazendo outros planos*” (John Lennon); e “é preciso parar o mundo para conseguir ver” (Carlos Castañeda, *A erva do Diabo*, 1968). E as que eu não consegui identificar as fontes: “nenhum vento é favorável pra aquele que não sabe aonde quer chegar”; “todo mundo quer renascer, mas ninguém quer morrer”; “nós não nascemos humanos, nós nos tornamos humanos”; “este não é um mundo de perfeição, mas de aperfeiçoamento”; “acenda uma vela em vez de apenas reclamar da escuridão”; “não haverá outra Arca de Noé”, “utopia é o que não tem espaço ainda para acontecer”; e, a minha preferida, “ressentimento é veneno que a gente bebe e fica esperando que o outro morra”.

Prezado leitor, se você leu até aqui, então, você está aqui... Te vejo!



# CÁPSULA DO TEMPO

*Helena Rotta De Camargo*<sup>24</sup>

Os caquizeiros da minha infância se desprenderam da terra e vieram morar dentro de mim. Aqui eles continuam vivos, ao lado de outros tantos irmãos, tão solidários quanto eles, na missão de colorir-se, florescer, cobrir-se de sabores e beijos em calda.

Aquilo sim que era festa! Presença amiga e saborosa! Todas as horas do dia...

Ao invés dos arranha-céus, eu convivía com as videiras; das ruas moribundas de veneno, com os canteiros de terra pulsante.

Todavia, neste momento de incandescências, os fios que costuravam as folhas e brotos foram encurralados, torcidos, esmagados, pelo sol raivoso e despótico, que

---

24 Helena Rotta de Camargo nasceu em Espumoso/RS. Bacharel e Licenciatura em Letras Anglo-Germânicas. Especialista em Língua Portuguesa, em Administração Escolar e em Planejamento Educacional. Professora e Técnica Judiciário, aposentada. Membro da Academia Passo-Fundense de Letras e colaboradora do Projeto Passo Fundo. Como escritora colabora com artigos na imprensa local e regional. Começou a editar em 1985, e conta hoje com obras impressas e em E-book. Participou em concursos literários, antologias, anuários de escritores e publicações avulsas suscitando grande interesse por parte dos leitores.



se compraz em murchar tanto as sedas como as rendas, esgarçadas de dor.

Nada havia, nas auroras antigas, que se comparasse à insanidade dos motores de agora. Nem à asfixia do ar espesso se esgueirando pelas narinas, olhos, boca e sentimentos. Nem à fuligem vomitada pelas chaminés, à lua enfumaçada e triste, abortando os chuviscos de prata e engravidando de melancolia.

Os ruídos eram discretos, respeitosos, relaxantes. Conheciam os limites do bom-senso, pois que, a provocação e a baderna, ainda não haviam fincado suas garras no solo pedregoso e árido.

E as gangues comandadas por Satanás? – Jamais se ouvira qualquer referência, entre os meandros da paz e da discrição. O prazer mórbido das arruaças não vingava naquele cenário bucólico, que adormecia à meia-luz das estrelas, e acordava com o badalo do sino ou a cantoria das cigarras.

Ontem, minhas lágrimas nasciam do lirismo, da emoção, do vagaroso fluir do sentimento. Hoje, elas se nutrem do medo, da desconfiança, da insana garganta de aço e pedra, gás e estrondo, que me espreitam por todos os lados.

Perdi minhas referências, minhas paixões, minha identidade. É isso que faz a vida, ao romper-se a cápsula do tempo, pondo à mostra o estandarte, tão descosido quanto desbotado, das primaveras longínquas, que me deram adeus...



# Avós

*Leonilde Damian*<sup>25</sup>

Ter avós e ser neta deve ser muito legal, pelo que a gente ouve dizer, mas eu não sei quase nada sobre isso. Só conheci a minha avó materna, ela era muito má, o avô já tinha falecido. Nós morávamos como minha avó, por que éramos muito pobres, ela nos negava o alimento e surrava muito meus irmãos. Já meus pais não se sabia onde andavam, que não estavam lá para nos defender.

A minha lembrança dos avós são péssimas, ouvi dizer que os meus avós paternos eram muito bons, mas não os conheci, também haviam falecido, nessa parte foi um vazio. Eu não comi bolo das vovós, também não ganhei o colo deles. Também não irei julgá-los, pois não sei como foram as suas criações. Assim, todos fomos colocados à adoção.

Aos três anos fui adotada, minha mãe adotiva trabalhava muito, como cozinheira do 3º Batalhão Rodoviário/Rio Turvo, mal podia estar comigo. Ela era uma senhora polonesa, do interior de Guaporé; proporcionou-me uma família; desde primos a avós, todos gostavam de mim, me fizeram esquecer da minha família biológica. Com essa família tive um pedaço bom da minha infância, foram

---

25 Cronista e colaboradora do Projeto Passo Fundo.





pessoas fundamentais para o meu crescimento.

Quando morei com avós, vivi em um berço de amor e carinho, foi uma parte muito doce da minha vida; saudades são eternas, tive a oportunidade de comer fruta direto do pé, peixes e comidas típicas polonesas; brincávamos de subir em árvores; fui alfabetizada, aprendi a falar polonês e cantava músicas nativas, da época da 2ª Guerra Mundial (meus avós vieram fugidos da guerra para o Brasil), montava a cavalo e fazia entregas no moinho; realizei inúmeras atividades, de brincar a trabalhar, sobrevivi e aqui estou.

As recordações são muitas, sei que o amor faz maravilhas em nossa vida; faço o possível para ser uma ótima avó, até tenho uma neta adotiva, exagero no carinho para com meus filhos e netos, procuro sempre ser amorosa; amar nunca é demais, quero aproveitar todo o tempo com eles, pois tudo passa tão rápido e quero contribuir nas suas felicidades.

Independente de como tenha sido a nossa vida, devemos valorizar os nossos antepassados, nossos pais, filhos, netos e bisnetos, pois somos frutos desse círculo, gerados para iluminar a humanidade.



# PAGA UMA BRAHMA, BEM? (TRAVESSURA NA "ZONA")

*Hugo R. K. Lisboa<sup>26</sup>*

A zona do meretrício em Passo Fundo teve várias localizações. A primeira de que lembro foi a da rua 15 de Novembro, que funcionou da década de 40 até o final dos anos 50.

Naquela rua situava-se o famoso Cassino/Cabaré da Marocas, cujo prédio ainda existe. Na época da extração de madeira e do contrabando de pneus na cidade circulava muito dinheiro e a Marocas, hábil em conduzir o salão com suas moças, ofereceu entretenimento, para a população masculina, durante anos. O traje, terno e gravata e, para os shows que lá aconteciam, vieram orquestras de todo o Brasil, Argentina e Uruguai. Francisco Alves, o Rei da Voz, na época, um dos cantores mais famosos do Brasil, lá se apresentou.

---

<sup>26</sup> Endocrinologista, membro da Academia Passo-Fundense de Letras e do Instituto Histórico de Passo Fundo. No primeiro semestre de 1999, doutorou-se em Endocrinologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Paralelamente aos seus estudos, é professor de Endocrinologia da Faculdade de Medicina da Universidade de Passo Fundo. É também membro da Associação Brasileira de Endocrinologia e Diabetes, da European Neuro Endocrine Society e da Society for Endocrinology, Londres, Inglaterra. Há dez anos, dedica-se à pesquisa das doenças da tireoide e do Diabete Mellitus. Possui várias publicações em revistas e livros científicos tanto no Brasil como no exterior, como na revista *Clinical Endocrinology*, no ano de 1996.



Contam que, com a finalização da construção da Catedral, a três quadras da Rua 15, a zona foi transferida para o bairro Petrópolis, de lá, para a Xangri-lá, onde que conheci a intimidade desse grupo social tão característico.

Quando éramos “piás”, com a testosterona da puberdade empurrando a libido para as alturas, íamos em bandos ver as “mulheres da vida”, com a esperança de alguma conceder favores aos rapazotes. Funcionava principalmente na noite, embora sempre houvesse atendimento de emergência.

Quem comandava a casa geralmente era uma mulher, que fazia as honras da sala e organizava o funcionamento, pois, como parte do lucro era obtida pela venda de bebida, quase sempre havia homens bêbados. O gigolô, sempre discreto, fazia a segurança, quando os “gambás” passavam dos limites.

Conta-se que no cabaré da Tia Carula, dona de uma casa famosa, esta, vendo que os agarramentos no salão estavam passando dos limites, pegou o microfone e bradou: “Vamos parar com a pouca vergonha no salão; vocês estão achando que aqui é o Clube Comercial”? O boato causou mal estar em determinados círculos sociais, já que o clube citado era o mais tradicional da cidade.

Os serviços oferecidos eram o pouso e o instante, de acordo com a disponibilidade de tempo do freguês. Era comum encontrar pessoas da “alta sociedade” dançando boleros de rosto colado com as madames. Alguns, ditos “coronéis”, tinham mulher fixa e prioridade na zona, já que arcavam com suas principais despesas. Isso não impedia que a mulher seguisse o seu trabalho habitual nas horas vagas.



Além das poucas mulheres fixas, a maioria era temporária, que andava de uma zona para outra, porque a novidade era um atrativo especial. Em algumas cidades havia até mulheres “francesas” vindas da Argentina. Dizia-se: “Vamos pra Xangri-lá que chegou china nova na zona”.

As prostitutas eram necessariamente jovens, a maioria iletrada, vindas do interior. Trabalhavam fora de seus locais de origem porque eram consideradas “perdidas”. Tinham filhos que se criavam por lá mesmo; algumas casavam e iam embora.

Com o tempo, parte da zona migrou para perto do rio Passo Fundo onde reinou a casa da Olívia, tida como de alto gabarito. Dizem que um famoso advogado da cidade teve a sua faculdade paga pela Olívia e que, com ele, manteve longo relacionamento.

Nessa mesma área, nos anos 70, funcionou um “dancing” chamado “O Bicão”. Na época, virou moda casais da “alta sociedade” irem para ver o processo de pegação do “chinaredo. Assim, houve o reconhecimento da existência desse grupo sócia, quando a curiosidade ultrapassou a negação da sua existência.

Após esse período, as “casas de tolerância” se espalharam pela cidade, não havendo mais a concentração em único bairro.

Para muitos, continua a lembrança das aventuras na zona. A luz vermelha e o som dos tangos e boleros num “rendez vous” traz a imagem de alguma moça que se apresentava e, logo, com voz lânguida, perguntava: “Paga uma Brahma, bem?”

Era o começo do pecado.



# UM MOMENTO DE BELEZA JUSTIFICA UMA VIDA

*Alice Silva Tocchetto<sup>27</sup>*

Algo inusitado aconteceu em minha vida, que lembrei hoje por acaso. É uma lembrança tão antiga que me surpreendeu, até porque foi algo que não me lembro de ter comentado com alguém.

Em uma tarde de verão, eu com 16 ou 17 anos, uma senhora me pediu água. Eu a conhecia: era uma velhinha que morava no abrigo da prefeitura, na Vila Operária, e que passava todos os dias pela nossa rua, geralmente falando sozinha, coberta de trapos, carregando sacolas, pedindo esmolas. “Velhinha louca”, a chamavam.

Ao chegar em casa, na Capitão Araújo, bem próximo ao CENAV, entrei no pátio e, quando fui fechar o portão, lá estava ela, parada. Pediu água e me deu um sorriso simpático... Convidei-a para entrar no pátio; ela entrou e sentou-se à sombra, no muro sob a varanda e largou suas sacolas, suspirando. Voltei com a água e ela estava sorrindo, os olhos azuis doces que surpreendiam pela beleza, quando sorria. Estava falando sozinha... Tomou a água e começou a cantarolar uma música italiana antiga que eu não conhecia.

Naquela época as músicas italianas estavam no auge,

---

<sup>27</sup> Escritora e colaboradora do Projeto Passo Fundo.



ouvíamos o dia todo cantores como Pino Donaggio, Rita Pavone, etc. E eu, como qualquer um, conhecia bem o palavreado, mas, não conheci a música que ela cantarolava. Fiquei curiosa, achando estranho; ela me olhou com o olhar maroto e disse em português misturado a um forte sotaque italiano, que não sei repetir, mais ou menos assim: Tive um grande *amore*. Um grande *amore*... E calou-se pensativa. Fiquei em silêncio, aguardando. Ela levantou a cabeça e me disse, sempre com o sotaque, que ele lhe servia vinho tinto e lhe dizia *amore mio*, que ele era um bom homem, carinhoso, tão lindo...

Ah, uma boa história de amor sempre me encantou e imediatamente minha imaginação começou a correr mundo tentando saber mais, fui dando trela, ela falava, falava, mas logo começou a falar italiano mesmo e passei a não entender mais nada. Seu olhar ficou brilhante, meigo, o sorriso significativo enquanto fazia gestos com as mãos, de enlevo, de carinho e eu sem conseguir entender, sentindo apenas a importância que aquilo tinha para ela. Era tão grande meu esforço, que sentia vontade de chorar, percebendo a sua emoção, tentando entender os seus sentimentos - o que ela resumia ali, porque certamente estava rasgando o seu coração, bem na minha frente. Algo muito importante acontecera em sua vida, não sei se ela não sabia dizer em português ou se as lembranças se misturavam em seu palavrório. Mas, sem dúvida, havia forte emoção em seus olhos, em seu sorriso, em seus gestos...

Por alguns instantes ela me pareceu ter quinze anos, seu corpo delicado e miúdo parecia ganhar vida, os olhos azuis cintilavam... Estava muito emocionada. Deixou de ser a velhinha louca e passou a ser rainha, a mocinha, com uma loucura plena de paixão e de sentimentos. Uma riqueza incrível de emoções em sua voz...



Depois, suspirando, ela não disse mais palavra que eu entendesse e parou de falar, ficou momentos em silêncio, baixou os olhos e a voz, me entregou o copo e pegou as suas sacolas. Ainda perguntei: Onde ele está? E entendi seu gesto triste de ombros, apontando a mão para o céu. Quem era ele, perguntei? Diga o seu nome.

Ela me olhou séria e disse o nome de uma personalidade histórica de Passo Fundo; nome de rua, de escola. Eu ri, era a velhinha louca novamente. Ela se virou parecendo entristecida e partiu. Nunca mais a vi...

Meu coração se inquieta ainda hoje ao lembrar-me dela, da emoção em que vivia ao tentar me contar a sua história de amor, algo forte e significativo para ela... Seu olhar brilhante, travestido de paixão e o sorriso maroto revivendo e repetindo as palavras dele a ela...

Na angústia frustrante de não conseguir entender as suas palavras, naquele triste dialeto italiano, nunca pude saber se aquela tinha sido uma relação duradoura ou um acontecimento isolado, se ela fora a esposa, a amante, ou se foi coisa de apenas um instante; mas que representou a sua vida, isto eu entendi. Como diz Rubem Alves, "cada momento vivido e amado, por efêmero que seja, está destinado à eternidade. Um único momento de beleza justifica uma vida".

Fico triste ainda ao lembrar a minha incredulidade ao ouvir o nome de tal pessoa, um médico importante na cidade; hoje, bem mais vivida penso com meus botões, por que não? Até procurei na *internet* e soube que o tal sujeito morrera apenas a alguns anos de quando isso aconteceu; havia uma possibilidade histórica e era a mesma cidade, por que não? O que esta mulher podia ter representado àquele homem?



Então, penso comigo mesma, ela podia viver ali e passar por aquele lugar todos os dias, pela proximidade da escola que levava o nome de seu amado e que talvez isso fosse tudo o que restara de bom ou de concreto na sua vida... Mas é só um pensamento... Só um pensamento...



# WILSON MORAIS, O GÊNIO INDOMADO

Marco Antonio Damian<sup>28</sup>

Por volta de 1956 ou 1957, os torcedores do Gaúcho se deslocavam de várias partes da cidade, a pé, até o Estádio da Montanha, em dias úteis, para assistirem aos treinamentos do time. O time principal normalmente treinava contra os aspirantes, como eram chamados os reservas e os jogadores jovens. A curiosidade ficava por conta de Wilson Morais, “o filho do Vêncio”. Vêncio era Genovêncio de Morais, antigo goleiro do clube, depois massagista. Wilson era um jovem alto, esguio, pernas compridas, dono de uma habilidade impressionante com o pé esquerdo. Jogava no meio de campo e dominava aquele setor. A bola em seus pés tornava-se pequena, diminuta, subserviente aos seus mandos e ele a mandava para onde queria, e ela, a bola, simplesmente obedecia. Wilson era o xodó nos treinamentos e a grande promessa para o time principal.

Mas, Wilson era inquieto, temperamento difícil, e, desde cedo se dedicou a boemia e, conseqüentemente, às bebidas e às mulheres da noite. Os dirigentes do Gaúcho, e mesmo seu pai, tentavam *domá-lo*, mas a tarefa era quase impossível. Wilson fazia o que lhe dava na “telha” e p

---

28 Historiador, Membro da Academia Passo-Fundense de Letras, Membro do Instituto Histórico de Passo Fundo; Membro da Associação Gaúcha dos Historiadores de Futebol.



ronto. Era amador, e, assim, como jogador amador deixou o Gaúcho e foi jogar no modestíssimo Lutador de Estação Getúlio Vargas, clube amador, que lhe pagava uma pequena quantia por jogo que disputasse.

Logo, chegou à idade para servir ao Exército Nacional e Wilson foi para Uruguaiana. Foi tocar o pé na bola numa brincadeira no quartel e um dos oficiais o levou para o Ferro Carril, um dos clubes de futebol da cidade. Wilson teve algumas punições por indisciplina no Exército, e, quando deu baixa, retornou a Passo Fundo e ao Gaúcho. Treinou e atuou algumas partidas no time de “baixo”, e outra vez deixou Passo Fundo.

Convidado para jogar no Atlético de Joaçaba, não titubeou e aceitou o convite. Realizou partidas memoráveis nesse clube e sua fama de craque se espalhou. Ao mesmo tempo se espalhou a fama de encrenqueiro. Não ficava muito tempo num lugar, jogava muito, arrumava alguma confusão e ia embora. Passou pelo Flamengo de Curitiba e, no começo dos anos de 1960, foi parar em Lages. Primeiramente vestiu a camisa vermelha do Internacional e depois do rival Guarany. Ficou quase quatro anos nesses clubes.

Em 1965, foi contratado pelo Internacional de Santa Maria, permanecendo também no ano seguinte. Foi personagem de um escândalo, que repercutiu nos jornais de todo o Estado. Antes de um clássico Rio-Nal, Wilson foi procurado pelo atacante Montezana, que havia jogado com Wilson no Gaúcho, e que estava no Riograndense, para “fazer corpo mole” no clássico. Para tanto Wilson receberia 200 mil cruzeiros. Wilson comunicou a direção de seu clube, que, com a polícia, armou um flagrante. No final da história Montezana foi preso e Wilson jogou como nunca aquele



clássico, que terminou empatado com 1 x 1.

Dois anos depois Wilson mudou de lado e foi vestir a camisa do Riograndense, permanecendo no clube durante o ano de 1967. Certa feita o entrevistei, e foi uma das melhores entrevistas que fiz. Wilson contou tudo o que fez, e, se arrependia de muitas coisas que não deviam ter acontecido. Diz, por exemplo, que também antes de um Rio-Nal, já no vestiário, um dirigente interpelou o técnico, pedindo para que Wilson não jogasse. Obediente, o treinador retirou o craque do jogo e, falou para ele, que tal dirigente não o queria mais naquele jogo. Wilson encheu a cara e subiu até a tribuna onde estava o dirigente e deu-lhe uma surra de facão. Foi uma correria e a turma do “deixa disso” teve dificuldades imensas em conter o jogador enfurecido.

Quando foi contratado pelo Internacional de Santa Maria, Wilson era uma das contratações mais relevantes. Afinal, o clube estava há quase uma década apenas “apanhando” de seu rival Riograndense. Junto com Wilson, foram contratados jogadores do quilate de Louro, lateral, ex-Internacional de Porto Alegre; Santo, zagueiro, ex-Grêmio; Gon, meia, vindo do Cachoeira; Jaburu, lateral, ex-Juventude de Caxias do Sul; Cavalheiro, goleiro, ex-Gaúcho e a grande revelação do futebol santa-mariense, o atacante Liminha, tirado justamente do rival. Os anos de 1965 e 1966 foram decisivos para alavancar o clube, que acabou como vice-campeão estadual da segunda divisão, em 1968.

No Riograndense atuou ao lado de Danúbio, zagueiro, ex-Internacional de Porto Alegre; Benedito, lateral, ex-Pelotas; André Heinz, lateral e Téio, ponteiro, pratos da casa, que se tornaram jogadores de renome, e Vilson Miranda, centroavante goleador, em sua época.

Wilson Morais teve uma passagem breve, mas



brilhante, no Floriano de Novo Hamburgo, em 1966. O time formava com Petzhold, Airton, Bernardino, Trava e André; Wilson Morais e Xameguinha; Sapiranga, Miguel, Hélio Pires e Loivo.

Outra passagem consagrada foi no famoso Metropol de Criciúma, o time dos carvoeiros, que teve existência de apenas dez anos, mas foi várias vezes campeão catarinense, e realizou uma vitoriosa excursão à Europa. Wilson vestiu o imaculado uniforme branco em oito jogos. Mas poderiam ter sido muitos mais, não fossem as várias vezes em que se meteu em confusão em bares e na zona do meretrício, propiciando dores de cabeça aos dirigentes.

Deixou o Metropol e seguiu para o Atlético Paranaense. Incomodou mais do que jogou, e, certo dia pegou um ônibus e foi para Montevidéu, para fazer testes no Penharol. Na época, final dos anos de 1960, o Penharol tinha um timaço. Wilson treinou, chegou a jogar partidas amistosas e foi dispensado, pois jamais chegou aos treinamentos no horário. A carreira já estava no limite e as forças também. O futebol, no começo da década de 1970, estava cada vez mais profissional e não havia mais espaço para o jogador-problema. Não havia mais espaço para o romantismo no futebol. O último clube de Wilson Morais foi o Sadia, de Concórdia. Afinal, em Santa Catarina ele ainda tinha nome. Mas, tampouco no Sadia o craque conseguiu sobreviver.

Acabou um futebol brilhante, de técnica refinada, dos longos e precisos lançamentos, dos passes milimétricos que deixavam os atacantes à feição para marcarem gols. Contam que, nos treinos do Gaúcho, Wilson mandava alguém colocar uma tampinha de garrafa há uma distância de 40 ou 50 metros de onde ele estava. Em meio a grama ninguém via a tampinha, mas Wilson jogava a bola exatamente em



cima dela. Quando a bola batia a tampinha voava e todos que assistiam ficavam boquiabertos. Este era o futebol que Wilson Morais não aproveitou. Aproveitou sim, as noitadas, as bebedeiras e as lindas mulheres.

Encontro Wilson Morais de quando em quando, caminhando, um pouco trôpego, pelas ruas da cidade. Está com problemas de saúde, embora tenha deixado de beber há algumas décadas. Mora sozinho, está aposentado e com 73 anos de idade. Seu lazer é jogar cartas e conversar no Clube União Batutas. Poucos sabem o craque que foi e muitos não acreditam no que ele conta. A única certeza é que Wilson Morais foi extraordinário dentro de campo, mas seu gênio irascível e indomável o traiu de forma inexorável.



# APRESENTAÇÃO PROJETO PASSO FUNDO

*Leon Nunes*<sup>29</sup>

O trabalho começara cedo naquele dia. Havia contas a pagar, cobranças a serem feitas, novos aluguéis – *ah*, sim, sempre novos aluguéis, as pessoas vinham com frequência, salas comerciais, apartamentos. Botávamos sempre um sorriso no rosto. Eis que a ideia brilhou poucas horas depois de iniciar a labuta imobiliária. Pergunta fora feita: *topam trabalhar com algo mais cultural, mexer um pouco com esse lado, fugir do campo das contas e aluguéis? Se houvesse uma mosca dentro do escritório – e havia, tenho certeza – até mesmo ela diria sim.*

Houvera, entanto, a contrapergunta. *E o que podemos trabalhar?*

A imobiliária já fazia das suas, catalogando salas comerciais e apartamentos. Um passo apenas – colocar fotos de prédios e pontos importantes da cidade. Cresceu. Eu presenciei daqui do alto a amplitude desta ação. Ruas. Casas. Praças. Posso dizer também que sou um coautor,

---

<sup>29</sup> Autor do romance *Fúnebre Cortejo*, lançado pelo Projeto Passo Fundo no verão 2011, possui participações em antologias de contos. A saber: “*Algumas Ficções*” - Ed. DeLeon - 2007 - com o conto “*Caçador Noturno*”; “*Irmandade das Sombras - contos de terror, horror e fantasia*”/ CBJE - 2008 - com o conto “*A Devoradora d’Alma*”; “*Autores Fantásticos*” - Ed. Estronho - com o conto “*Um Limite para a Escuridão*”.



porque não? Quantas vezes os vi em suas *saidelas* a catalogar plácidos recantos da cidade, *hein?* Muitas, pois sim; muitas, posso atestar. Acompanhei-os, sem que soubessem, nessas aventuras de ora lembrar o passado, ora registrar a beleza da natureza. Posso não ser grande, mas vejo as coisas com muita nitidez e à distância.

Às vezes, co'a soprada do vento, eu estava ali ao lado, eles quase podiam me tocar; faíscas verde-douradas-amarelas-roxas crepitavam de suas cabeças – *oh, quão lindo foi vê-los assim.*

Certo que tinham de continuar a resolver os problemas de aluguéis, afinal, deles era o ganha-pão. Aquele dia foi maravilhoso– uma coisa muito grande surgiu ali, uma ideia fabulosa, que congregaria muitos outros no futuro (*eu antevejo o futuro, quem disse que não? – minha visada não falha*) e que deixaria marcas. Profundas. O dia, enfim, estava ganho.

Não ficaram, meus queridos, contentes; havia muita coisa a ser feita, e muito a ser espraído.

O passo seguinte foi o de reunir biografias de pessoas importantes na cidade. Esse fora um degrau galgado com muito brio e vontade. Deu certo. Cresceu mais. Pessoas interessaram-se: a proposta, que antes não passara de um germe buliçoso, tomava forma; e esse germe, antes encubado, vivaz. Foi mostrando o tal projeto para o que veio. Pegaram gosto. Novas ideias sobrevieram.

As poesias –*poesias, que voam como nós, céu-mundo aberto, deliciando nossa breve passagem* – tiveram destaque também. Espaço criado para que elas pudessem ser vistas, e de alguma forma atingissem corações.



*O meu, pequenino, tocou.*

Eu senti vontade de fazer-me presente – estive presente, no parapeito, a observar cada detalhe da criação desse espaço *virtualmente virtual*.

Os primeiros materiais – vi com minha visão alongada – foram os livros pegados na Biblioteca Pública, livrarias, emprestados. Então ninguém mais podia dizer que estava o projeto fadado ao esquecimento.

Num dia também comum, com contas e planilhas e aluguéis cobrados, eis que vi, feliz, a plenitude do Projeto. Eu cantei a plenos pulmões para avisar o alvorecer das boas-novas culturais. Fora perguntado, então: *por que não criar um local onde os autores pudessem publicar seus textos?*

Para recuperar o fôlego, no parapeito eu pousei. Quis interagir co’ a maravilha que se multiplicava no escritório. Fiz força. Questionei. *Qual nome podemos dar a esta prodigiosa criação?*

Como por encanto, e também um pouco de lógica, fora-me respondido o nome que ora sou capaz de soletrar: *Projeto Passo Fundo*.

Deu-se início a um novo ciclo, e dali saí a espalhar a indelével marca.

Livros começaram a ser publicados – primeiro na tela, depois no papel. Materiais aos poucos e com velocidade espantosa nele foram introduzidos. *A Bolsa de Minha Mãe. Frutos de Inverno. Clube do Livro. Fora de vista, fora da mente. Os animais éramos nós. Empresa Amiga. Fúnebre Cortejo. Salve-se quem puder. Garçom a saideira. Dispersos de Maria Pequena. Clippings. Autores das mais diversas áreas, dentro e fora da querida Literatura. Famintos. Poetas-*





poetisas. Prêmio “Mérito Cultural Sante Uberto Barbieri”. Coletâneas Poesias – Contos – Crônicas. Domínio Público do MEC. Google Livros. Biblioteca Nacional. Parceria Arquivo Histórico – Museu Histórico – Instituto Histórico; APLetras. Mais poemas, mais contos, mais conteúdo digno de meu coraçõzinho.

*Ufa.*

Alguém que enfim pôde me escutar; dizer o que penso. Agora no palco, diante do microfone. Quanta gente linda escuta meu interlocutor. Quem mais me ouve cá fora? Estou feliz em fazer parte, “inda” que de forma invisível. Escutam-me chilrear? É com muita alegria que canto-digo: *Veículo de divulgação e sítio de repositório de acervos de manifestações artísticas e conhecimento. Lugar onde vossos corações repousam sob a árvore mais linda da sabedoria.*

Com minha visão de longo alcance posso garantir: há muito que crescer. Aspectos “inda” podem ser mais utilizados. Imagens e audiovisuais. Campos abertos para mentes igualmente abertas. Cá fora, pousado no parapeito, nesta noite incrível, estou para provar que digo a mais sublime verdade.

*Projeto Passo Fundo é.*

*- só eu sei aonde vai chegar - Projeto Passo Fundo “inda” tem muito a oferecer.*

Um grande favor. Quando chegarem em vossas casas,acessem: [projetopassofundo.com.br](http://projetopassofundo.com.br)





# VIVER é SONHAR

**“Retomamos a mão do sonho em que as palavras marcam o tempo,  
revelam e encantam o coração do homem  
(desprendendo-o da hora).”**

*(Tânia Du Bois)*





# A CRIANÇA E O MUNDO DA ESCOLA

## (A experiência dos primeiros mergulhos)

*Rani*<sup>30</sup>

A arte de ser criança é dádiva, pois, nela a liberdade existe sem que ela a sinta neste mundo que é a escola.

Qual criança nunca ansiou estar na escola no dia em que a merenda seria aquele delicioso cachorro quente acompanhado de um copo de suco? Com certeza, nesses dias a fila da cantina dobra de tamanho, parece até com as que vemos nas agências do INSS; crianças ansiosas para pegar aquele suculento pão com salsicha, comer rapidamente, para entrar na fila tantas vezes seja possível.

Quem delas não inventou uma dor de barriga, fazendo aquela carinha de cachorrinho molhado, com lágrimas nos olhos, para ir embora mais cedo e passar o resto do dia vendo desenhos na TV? Para isso, existe uma técnica infalível: abaixar a cabeça na mesa, pensar em algo

---

30 Raniel Henrique de Souza, escritor entusiasta, desde os 9 anos de idade, nascido na cidade de Bastos, interior de São Paulo, 24 anos casado e residente no estado do Rio Grande do Sul na cidade de Passo Fundo, Acadêmico de Filosofia no Instituto Superior de Filosofia Bertier - IFIBE, autor da obra infantil “Vovó Virou Criança” e do conto “Xote com moça pele cor de fogo” publicado no Livro Receitas Secretas da Editora Papel de Arroz de Lisboa – Portugal. Membro do Projeto Passo Fundo Apoio a Cultura - RS desde 2012 “A poesia nos ausenta da realidade dada”.



triste e forçar o choro, colocando a mão na barriga; logo os colegas percebem e informam à professora que o amigo está passando mal; então, bastam algumas intermediações junto aos responsáveis, para a criança ir para casa.

Outra experiência é a do dia de vacina; as crianças correm e se escondem em algum lugar, onde ninguém imagina encontrá-las, por medo da picada de agulha; é a certeza da salvação.

Também, é comum ver criança no portão da escola, aos prantos, grudada na roupa da mãe, pelo medo do novo, do diferente, de deixar a zona de conforto e segurança ao sair de casa pela primeira vez e ter de enfrentar as “feras”. Em sua mente, um passo “mortal”, na expectativa de não saber o que acontecerá ao se sentir “sozinha”. Mergulhar em mares, casa de tubarões (tias-professoras) é um perigo no imaginário da criança. Essas “ferozes” podem puxar suas orelhas, fazer falar na frente dos colegas e chamar a sua atenção. E os amiguinhos, seriam legais?

Parece-me que, a criança entra no mundo do questionamento filosófico, no pertencer ao mundo da escola em busca de respostas e soluções para os supostos perigos criados por sua imaginação. Com o tempo ela percebe que tudo não passava de uma fase, e que logo estará habituada com o ambiente e interagindo com os amigos de sala, crescendo e adquirindo conhecimentos.



# JOÃO MOCHILA

João A. Leiria<sup>31</sup>

O andarilho “João Mochila”, como era conhecido um velhinho destemido, que a criançada com alegria aguardava para ouvir causos e prosas, contados pelo velho João. Lembro que sempre alguém anunciava: *o velho está vindo!*

Com sua “Gaita de Botão” tocava rancheiras e vanerões; fazia tal barulhão que nem parecia que só tinha oito baixos.

Assim, era a vida do velho João, conhecido como João Mochila, quem trazia alegria nas histórias que contava. Reunidos em volta de uma fogueira, atentos, de tal maneira, pareciam nem respirar ao ouvir as aventuras. O povo ficava admirado com as suas histórias.

João Mochila era andarilho de cabelos longos e barba branca, parecia mais uma lenda, um personagem místico,

---

31 Escritor de vários gêneros literários, romances, histórias infantis e juvenis. Natural de Ronda Alta, RS. Radicado em Passo Fundo desde os sete anos de idade. Ensinou teatro por muitos anos, trabalhou com crianças e adolescentes de nossa cidade. Sempre envolvido com a arte. Escreveu e dirigiu várias peças de teatro apresentadas em escolas, empresas e praças de Passo Fundo e região. Atualmente é empresário no ramo de fotografias e eventos. Continua com seu grupo de teatro e escrevendo muito. Publicou seu primeiro romance “Vendi minha alma! E agora?”, 2013. O livro de poesias “O menino e o trem”, 2014 e o livro infanto-juvenil, em 2015, “*Adeus ovos de Páscoa! O coelho sumiu!*” e uma segunda edição, revisada e aumentada do romance “*Vendi minha alma! E agora?*”.



que tivesse saído dos livros de fábulas. Não me entendam mal, gosto de lembrar o velho João.

Viajava sempre sozinho, parecia um passarinho sem ninho. Em qualquer lugar, acampava. Quando se cansava de determinado local, juntava suas tralhas e debandava. João Mochila não era daqui, também não era dali, aquele velhinho era da estrada.

Conhecido por muitos de Ronda Alta a Passo Fundo, caminho que percorria em sua jornada. Levava em sua mochila relíquias e ervas medicinais, que juntava e catava pelos diferentes caminhos.

Certo dia, o velho não apareceu e nunca mais voltou. Encerrou suas andanças. Não alegrando mais as crianças. Como viveu, João Mochila também morreu, viajando pelas estradas.





# A PRESENÇA DA MÁQUINA DE COSTURA SINGER EM MINHA INFÂNCIA

*Odalberto Domingos Casonatto*<sup>32</sup>

Para meus pais, falar em máquina de costura, só podia ser uma, a legendária Singer. Meu pai era alfaiate e minha mãe, costureira; aquelas máquinas foram as que aguentaram o ritmo diário de longas jornadas de trabalho.

No início, importadas da Inglaterra, faziam parte do enxoval de qualquer moça que quisesse ter sua casa com o indispensável bem viver. Era dote que as moças levavam para o casamento. Elas as recebiam antes de se casar, para serem introduzidas na arte da costura; os pais sabiam muito bem o quanto ajudariam na economia doméstica.

Meu pai, desde a sua juventude, aprendeu o ofício de alfaiate, porque seus pais não tinham mais terras para dar aos filhos e, depois do casamento do segundo ou terceiro

---

<sup>32</sup> Formado em Filosofia pela Faculdade de Filosofia Imaculada Conceição, Viamão / RS, Teologia pelo Instituto de Teologia da PUC / RS, Licenciado e Doutorado em Bíblica pela Faculdade Franciscana de Arqueologia de Jerusalém da Universidade Antoniana de Roma, com reconhecimento do doutorado pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Hoje se dedica a pesquisa bíblica em especial o Novo Testamento. Participa como voluntário no site “abiblia.org” locado em Roma, que responde perguntas sobre a Bíblia Sagrada com mais 800 trabalhos entre artigos, respostas a perguntas apresentações de livros. Coordena a equipe de Liturgia da Paróquia São Francisco, Porto Alegre e o Boletim da liturgia dominical e assessora o Curso.



filho, os outros deviam aprender uma profissão. Assim, meu pai teve que sair de casa e morar numa cidade vizinha, onde iniciou como aprendiz na alfaiataria próxima à sua casa. Então, conheceu as máquinas Singer e a arte de bem usá-las na confecção dos ternos. Tinha a missão - ritual - de executar, a pedido de seu patrão, todos os sábados, a limpeza as máquinas (com óleo próprio para lubrificá-las), que na próxima semana iriam girar muito nas mãos dos alfaiates, costurando ternos.

Depois, com a profissão na mão, foi para um centro maior, sendo agora mestre na profissão de alfaiate Olindo Victorio Casonatto. Iniciou sua vida profissional em Passo Fundo, na Alfaiataria Schneider, na Avenida Brasil, centro; fez milhares de ternos para a elite passo-fundense, durante mais de dez anos em que lá trabalhou antes do casamento. Recebia por terno entregue ao freguês. O trabalho não tinha limites: manhã, tarde e noite; apenas o domingo para descansar.

Após o casamento foi para o comércio, onde não durou muito; voltou para a sua antiga profissão como alfaiate.

Minha mãe tinha aprendido a trabalhar com a máquina Singer, na adolescência; depois, por muitos anos, continuou a trabalhar junto com meu pai em uma sala de costura. Foram muitos anos atendendo as pessoas e fazendo camisas com tecidos escolhidos pelos fregueses, calças com tecidos especiais, sem falar dos jalecos para os médicos ou estudantes de medicina da capital.

Os fazendeiros, quando iam para o Uruguai, sempre traziam finos tecidos ingleses, em especial tecidos de lã, para serem feitas calças. Meu pai sempre recordava a ousadia de um oficial do exército, que pediu que fizessem as camisas



com tecido de paraquedas inutilizados; as camisas foram feitas e ficaram resistentes e de rara beleza.

Com maestria, trabalhar com máquina de costura, para eles não tinha segredo. O som RRSRS, era orquestrado o dia inteiro na atmosfera da casa. As máquinas não ficavam paradas, rodavam sempre até consumirem suas peças (feitas de aço nas siderúrgicas inglesas). Resistiam e somente após anos de uso não valia mais a pena de consertá-las. Não mais existiam peças de reposição. A preocupação era trazer o técnico para arrumá-las, quando paravam de girar. Como existia apenas um técnico na cidade, o conserto das máquinas se tornou ato de diplomacia.

A diarista Raimunda, aproveitando pedaços de tecido de lã, que sobravam e iriam para o lixo, reaproveitava os retalhos, fazendo chinelos de rara beleza, reforçando os seus ganhos. Afinal, ter que limpar o chão de uma sala de costura, com tantos retalhos e linhas, não era nada fácil. Também convivíamos com as linhas e pedaços de tecido espalhados pela casa.

Ouvindo o som RRSRS, que representava a conversa das máquinas de costura, na entrega das encomendas ao atender a porta quando um freguês chegava, passei a infância e a adolescência. Mais, o som da máquina Singer, da minha mãe costureira, na sala de costura, ficava na parede oposta à cabeceira da minha cama. O pior é que todas as noites faziam serão; meu pai trabalhava numa segunda máquina Singer, de interminável barulho, até à meia noite.

Hoje minha mãe, com 91 anos, ainda insiste em fazer alguns trabalhos indispensáveis. Lamenta-se quando precisa do técnico para arrumar alguma peça que se arreventa, pois, ele demora a chegar e arrumá-la. Com paciência, espera e implora para o técnico colocar a máquina em funcionamento.



Mas, o que a atrapalha é a dificuldade para enfiar a linha na agulha da máquina, por causa da sua visão fraca...

O trabalho contínuo, diário, dos meus pais, por longos anos terminaram com quatro máquinas Singer. Sem falar de uma Leonam, nome invertido do português Manoel, fabricante da marca, que era utilizada para as casas das camisas. Mas, naquela casa não se conseguia viver bem sem ouvir o RRSRSRS interminável...

Considero dois heróis os meus pais, que conseguiram o pão para nossa mesa.... Fazendo girar ininterruptamente aquelas máquinas fenomenais. A lembrança do RRSRSRS das máquinas continuam ser a cantiga de ninar nas noites de insônia, que muitas vezes me abate.



# PORQUE E EM QUE CIRCUNSTÂNCIAS FOI ELABORADO ESTE ROTEIRO DE ESTUDO

*Getúlio Vargas Zauza<sup>33</sup>*

Eu trabalhava em um ginásio agrícola que funcionava em regime de internato, como Psicólogo, mas desempenhava também a função de orientador educacional. Tinha ainda sob minha orientação um grupo de jovens egressos de uma Escola Técnica de Agricultura, em que desempenhava o papel de auxiliar de disciplina. Todos estudavam. Uns cursavam Agronomia e outros Administração de Empresa e Veterinária.

A Escola não apresentava grandes problemas disciplinares, de modo que a maior parte do tempo do expediente era utilizada para ajudar os alunos que apresentavam dificuldades em algumas matérias, num sistema extraoficial de reforço escolar. Talvez por esse motivo, e por ser a maioria dos alunos oriundos do interior, o relacionamento deles com meus auxiliares era cordial e cooperativo.

---

<sup>33</sup> Membro da Academia Passo-Fundense de Letras e articulista do jornal O Nacional onde escreveu inúmeros artigos sobre assuntos de sua especialidade, sobre urbanismo, educação, política, sociologia, ciência de natureza, filosofia, contos e crônicas, tendo publicado o livro de poemas Cânticos do Amor à Vida em 1984.



Aconteceu que, de repente, duas turmas da 2ª série apresentaram enorme queda de aproveitamento, sendo que cerca de 80% dos alunos alcançaram notas muito abaixo do índice de aprovação na primeira sabatina do primeiro semestre. Isso era demais para meus auxiliares ajudarem. Isso só na matéria de ciências.

No mesmo dia em que receberam o resultado, um aluno me procurou no meu gabinete de trabalho, pedindo socorro. Era uma sexta-feira. Eu disse que naquele momento não sabia de uma solução para o caso, mas, durante o fim de semana iria pensar e encontraria um jeito de resolver a questão e que, na segunda-feira, ele viesse ao meu gabinete, acompanhado de mais dois colegas de aula que estivessem na mesma situação e desejassem ajuda.

Conforme prometi, fiz. Mas acontece que mesmo eu tendo realizado dois cursos superiores, História Natural e Psicologia, nunca nenhum professor me ensinou como estudar. Eu também não sabia se existia um método de estudo. O que eu sempre fiz, desde o curso primário, foi procurar entender os conteúdos. Nunca tentei decorar nada e era um viciado em dicionário, inclusive etimológico. Isso me permitiu ter, relativamente, bom domínio vocabular, que facilitava o entendimento do texto, de modo que nunca tive dificuldade de aprendizagem. Eu lia muito e nunca passava por cima de uma palavra sem saber o seu sentido. Daí eu compreendi a importância de saber o que uma palavra significa para o estudo. Uma palavra cujo significado não é conhecido é como se fosse de outro idioma desconhecido.

Outro fato que também deve ter me ajudado é que nunca recebi brinquedos quando criança. Eu mesmo os fazia. Primeiro os imaginava, depois os construía. As maneiras de brincar também eu as inventava.



Por outro lado, talvez por “defeito de fabricação” ou por efeito de febres altas, pois tive todas as doenças infantis e, mais ainda, a varíola, com mais ou menos três anos, ou mesmo por algum problema no parto e tivesse sofrido alguma lesão no cérebro, eu tinha e tenho grande dificuldade para decorar. Então, isso me obrigou a aplicar toda a minha energia para o entendimento e o raciocínio.

Vou narrar outra situação em que me encontrei sob a pressão de criar soluções de problemas para os quais eu não havia sido preparado, no curso de sargento especialista em eletrônica na Escola Técnica de Aviação em São Paulo durante os anos 1948 e 1949. Concluído o curso, fui classificado para trabalhar na antiga Diretoria de Rotas Aéreas e designado para trabalhar no Laboratório de Pesquisa e Padronização de material eletrônico para a FAB.

Nesse laboratório se desenvolviam projetos que eram montados e remetidos para a indústria, onde era feita a compactação, segundo as especificações. Feito isso, retornavam para o laboratório, onde eram submetidos a testes, uma vez que a indústria de montagem não dispunha de tecnologia para testar.

Até hoje não consegui decifrar porque eu, o mais novo em idade, e há pouco tempo saído da Escola, com apenas 20 anos, e havendo tantos outros mais antigos e experientes na profissão, fui o “escolhido” para essa atividade, quando nem o Laboratório possuía equipagem específica para essa função.

Analisando as condições políticas da época, encontrei alguns elementos que me permitem supor que, apesar da cordialidade com que sempre fui tratado pelo chefe e outros oficiais, eu não era nada simpático a eles. Meu nome, minha relação de parentesco com o Presidente da República, pois



estava no centro do ninho das serpentes que lá, no DRA, se estabeleceu o Q.G. da preparação para a tentativa de golpe militar, só consumado em 1964. Talvez tenha sido uma discreta perseguição.

Agora, mesmo que tenha sido perseguição, o fato é que isso me proporcionou uma oportunidade para desenvolver um pouco de criatividade, melhorar a capacidade de raciocínio e coragem para enfrentar situações novas, o que me veio a ser de proveito no exercício tanto na profissão de psicoterapeuta, quanto de ensino de alunos normais do ginásio, do ensino superior e de deficientes visuais.

Citei esses acontecimentos para demonstrar, a quem se dignar ler este trabalho, como se pode tirar proveito, mesmo das situações adversas. Dificuldades não são só obstáculos, são também desafios para o nosso crescimento, muitas vezes mais auxiliares do que as facilidades.

Retornando à promessa que havia feito ao aluno, após essa digressão, dediquei o fim de semana a procurar descobrir uma maneira de resolver o problema de como o aluno poderia superar a situação e dispor de um instrumento que lhe servisse para todos os estudos em níveis avançados, inclusive em grau superior.

Inicialmente não tinha a mínima ideia de por onde começar. Como durante o curso de Psicologia eu havia criado um pequeno grupo para estudar o processo do Pensar, isto é, como funciona a nossa mente quando produz pensamentos, eu sabia naturalmente que a existência de um cérebro sadio era o instrumento necessário para tal, mas, para minha concepção filosófica, o cérebro por si mesmo não pensa, ele é um órgão fundamental, mas o elaborador dos pensamentos é o espírito, representado aqui pelo nosso EU.





Nesses estudos que eu coordenava, procurávamos obter o mais alto nível possível de concentração, evitando lançar mão de qualquer explicação de que tivéssemos tomado conhecimento. Fazíamos um trabalho de pura observação. Era experimental, rigorosamente experimental.

Durante o fim de semana isolei-me várias vezes em minha sala de trabalho, acomodei-me o melhor que pude numa poltrona, concentrei-me tanto quanto me foi possível, interrompi todo o fluxo mental, evitei procurar na memória elementos com os quais pudesse construir algo artificial e abstrato. Nesse estado de consciência vazia, simplesmente coloquei o problema na mais rigorosa contemplação e permaneci aguardando que a realidade, mesmo, apresentasse a indicação, isto é, que os elementos para a solução nascessem da própria realidade aflorada.

Essa técnica, eu havia aprendido com um amigo, que também participava das reuniões do grupo que estava estudando a obra do pensador indiano J. Krismamurti. Eu a havia associado a outras formas de exercícios, de outra origem do que aquela, da qual ele havia aprendido inclusive a técnica psicanalítica de auto análise que eu havia encontrado num livro escrito por um dos primeiros médicos psicanalistas no Brasil.

Em pouco tempo surgiu na minha consciência, como se fosse uma espécie de imagem, na qual podia perceber o caminho e a sequência lógica dos passos, que um naturalista botânico deveria percorrer, para realizar o estudo da classificação sistemática da vegetação de uma área de floresta. Então, pensei que um sistema de estudo também deveria ser feito seguindo passos sequenciais e lógicos. A partir dessa percepção, elaborei o Método de Estudo constituído pelos sete passos apresentados e explicados na



primeira parte deste trabalho.

Eu estava, agora, convicto de que quem seguisse rigorosamente aqueles passos com toda a certeza teria sucesso no resto da vida, nos estudos de todos os graus, desde que adaptado a cada caso e nível do mesmo.

Escrevi a sequência. As explicações seriam adaptadas na hora de acordo com cada trio de jovens que estivesse orientando.

Na segunda-feira compareceram três na hora marcada. Antes de iniciar as explicações perguntei como eles faziam para estudar aquela matéria e as outras. Os três deram a mesma resposta. Recebida a matéria na aula eles faziam as anotações que o professor mandava fazer e depois liam e procuravam memorizar tudo, repetindo... repetindo até saber de cor.

Feito isso passei às explicações do sistema que havia elaborado para eles. Perguntei a cada um se havia compreendido e, no caso de não ter entendido, eu explicaria tantas vezes fosse necessário. A seguir, garanti a eles que se seguissem a orientação, rigorosamente, eles teriam sucesso, e que o sistema valia para todas as matérias, com pequenas adaptações para cada uma, segundo as suas características.

Como eu dispunha de uma hora por semana para conversar com os alunos, fui de sala em sala e comuniquei a novidade. Nas duas turmas afetadas pela dificuldade ordenei que se organizassem em grupos de três e fossem ao meu gabinete, para marcar a hora.

Orientei a todos os educandos e lhes disse que não havia outra alternativa eficaz e segura para garantir



a aprovação, condição para permanecerem na Escola, que funcionava em regime de internato, e talvez fosse a única oportunidade da vida deles para estudar. Praticamente todos os alunos das quatro séries procuraram e seguiram a orientação, acabando com a necessidade do auxílio de reforço, que meus auxiliares davam, o que não era oficial nem função deles.

Após ter concluído o trabalho de orientação procurei o professor dos alunos com baixo rendimento (Ciências) e comuniquei-lhe pessoalmente o que havia feito. Como uma percentagem tão alta de reprovação repercutia mal no conceito do professor, eu receava que ele facilitasse as exigências nas próximas sabatinas; pedi que mantivesse o nível porque eu queria testar dois aspectos da questão: a) a eficácia do sistema; b) o empenho dos alunos. Em outro dia no horário de intervalo fiz a comunicação a todos os professores.

Isso tudo foi no início do 2º mês de aula. Na próxima sabatina nenhum dos alunos com nota de reprovação apresentou rendimento inferior à nota oito (08) ou (80) oitenta na escala zero a cem (0-100).

Minha única decepção foi o professor não fazer a mínima referência ao fato de os alunos apresentarem tão significativa melhora na aprendizagem em tão pouco tempo.







As imagens utilizadas para a capa dessa obra, são criações dos alunos do curso de Artes Visuais da Faculdade de Artes e Comunicação da Universidade de Passo Fundo, reproduzidos no muro do Colégio Protásio Alves com coordenação da professora Dra. Mariane L. Sbeghen.



[Catálogo do Projeto Passo Fundo](http://www.projetopassofundo.com.br)  
[www.projetopassofundo.com.br](http://www.projetopassofundo.com.br)



TÂNIA DU BOIS,  
residente em Balneário  
Camboriú, SC. Pedagoga.  
Articulista e cronista; textos  
em diversos portais, sites e  
blogs literários.

Organizadora e revisora de  
textos; capista de livros.  
Colunista n' A Revista de  
Santa Catarina e no Jornal O  
Registro (Sul de Minas).  
Participante do Projeto Passo  
Fundo (RS). Autora dos livros  
Amantes nas Entrelinhas, O  
Exercício das Vozes e  
Autópsia do Invisível.

Esta obra é significativa representação da literatura, através do Projeto Passo Fundo, na participação de:

Alice Silva Tocchetto, Carlos Job, Celso Fiori , Daniele de Freitas dos Santos, Dinair Fernandes Pires, Elbenice Vargas, Gabriel Bastos , Gabriel Cavalheiro Tonin, Getúlio Vargas Zauza , Gilberto R. Cunha , Helena Rotta de Camargo , Hugo Roberto Kurtz Lisboa, Jairo Antônio Casalli, João Antonio Leiria, Julio Perez, Leon Nunes , Leonilde Damian, Marco Antonio Damian, Marco Aurélio Barbiero, Marilise Brockstedt Lech, Maristela Farinha, Marlene Kremer, Moacir Luis Araldi, Odalberto Domingos Casonatto, Osvandré Lech , Paulo Monteiro, Rani (Raniel Henrique de Souza), Rogério Alves Pereira, Sueli Gehlen Frosi, Thagi (Gilson Beregi Peres de Mello), Zenir Mesquita



CASA DE NICOLAU VERGUEIRO

ISBN 978-858326143-8



Portal  
**Domínio Público**  
Biblioteca digital desenvolvida em software livre



Projeto  
**Passo Fundo**  
Apoio à cultura